

Revista

cas

cár

ti

ca



Arthur S. Brum | Bia Chaves | Diogo Ramos
Érica Nara Bombardi | Jana Bianchi
Naomi Kritzer | Renan Bernardo

Arte: Janio Garcia

01

Direitos autorais © Fantástico Guia

Ilustração de capa

Janio Garcia

Design de capa

Diogo Ramos

Diagramação

Jana Bianchi

A Cascártica é uma revista-escola, focada em oferecer aos membros da equipe uma visão didática dos bastidores de uma revista literária. A menos que especificado, as etapas de leitura peneira e seleção de material, assim como a edição, tradução, preparação e revisão dos textos escolhidos para publicação foram realizadas de forma voluntária pelos membros do CLET (Clube de Leitura, Edição e Traição), um dos projetos do Fantástico Guia; os responsáveis por cada serviço foram creditados abaixo do título das histórias. Todo o processo de idealização da revista, desde elaboração do edital até o contrato enviado aos autores selecionados, foi discutido durante as lives mensais do projeto.

O Fantástico Guia é uma iniciativa que tem como objetivo compartilhar jornadas pelo mundo dos livros com outros leitores, autores e profissionais do mercado editorial. Mais em fantasticoguia.com.br.

Sumário

Editorial

por Diogo Ramos e Jana Bianchi



Fogaréu

por Arthur S. Brum

O vento do meu espírito soprou sobre a vida

por Erica Nara Bombardi

O monstro do Igarapé das Almas

por Bia Chaves

Breve biografia de uma cadeira lúcida

por Renan Bernardo

O algoritmo do bem-estar

por Naomi Kritzer

Uma eulógia para todos os fins

por Jana Bianchi

Quatro memórias soltas

por Diogo Ramos



Saiba mais sobre os autores

Editorial

por Diogo Ramos e Jana Bianchi



Eu sinto que sei que sou um tanto bem maior.

— “Pena”, O Teatro Mágico



Assim como o poeta, os Guias penam quando o pano cai. E o pano cai.

Livros em oferta, oferta em Amazon,
poesia em promoção, a prosa presa em tela,
história rara em liquidação.

Nos rios abertos de uma Amazônia só nossa fluem narrativas em brasileiro;
histórias que, vez ou outra, ao navegar por rios que banham vários Brasis, encontram
raras quedas d’água fantásticas. E quando, por algum mundano evento de divino
mundo, isso ocorre: Cascártica.

Quando ela acontece, todos que a ela descobrem pertencer sentem ser um tanto
bem maior.

E quando o nó cegar, e ele vai cegar,
Deixa desatar em nós,
Leitores,
Escritores,
Tradutores,
Editores,
Revisores,
Preparadores,
Diagramadores,
Ilustradores,
e suas dores,

Deixa desatar em nós,
Solta a prosa presa.

Você saberá que é um tanto bem maior.

Sem horas e sem dores, com vocês,
Cascártica.



Para os curiosos de plantão, o nome da revista literária do Fantástico Guia é uma mistura de “cascata” com “catártico”. Veio dessa ideia de deixar as coisas fluírem caóticas e intensas como um rio caudaloso e ver no que vai dar — sabendo que, independentemente do percurso, o resultado vai ser uma beleza de tirar o fôlego.

E não poderia descrever melhor o processo de criação e execução da Cascártica, uma revista-escola. Se você não conhece o conceito... bom, faz sentido, porque ele foi surgindo conforme a gente aprendia a navegar pela ideia maluca de editar uma revista literária com propósitos pedagógicos.

Tentando explicar em retrospecto, hoje chamamos a Cascártica de revista-escola porque nós, Diogo e Jana, decidimos usar o espaço para compartilhar nossa experiência de quase uma década trabalhando como editores em nossas respectivas revistas (a Taverna e a Mafagafo) com pessoas interessadas em saber mais sobre os bastidores do mercado editorial. E, como a melhor forma de aprender é botar a mão na massa, todos os participantes do CLET (nosso Clube de Leitura, Edição e Traição) que desejaram entraram na dança participando, na prática, dos processos de leitura-peneira, seleção, tradução inglês-português, edição, preparação e revisão de todas as histórias desta edição — é por isso que, abaixo do título de cada obra, você vai encontrar uma lista extensa de pessoas creditadas em diferentes serviços editoriais. Os membros da nossa equipe também acompanharam o gerenciamento da revista como um todo, aprendendo sobre redação de editais, elaboração de contratos, contato com autores (brasileiros e estrangeiros), marketing e afins.

A contrapartida desse imenso processo de aprendizagem mútua e coletiva foi que a primeira edição da Cascártica demorou um bocado para acontecer; as histórias que chegaram pelo edital aberto começaram a ser compradas em agosto de 2024, um ano e meio atrás — e por isso, agradecemos a imensa paciência não só de você, pessoa que lê esta revista, como também de todos os nossos maravilhosos autores. Suas histórias enfim estão no mundo depois de serem tratadas com muito carinho por inúmeras mãos.

Valeu a pena esperar? Com certeza. Nossa deslumbrante primeira edição, cuja ilustração de capa é do talentosíssimo (e querido) Janio Garcia, abre com “Fogaréu”, de Arthur S. Brum; a história rica em texturas, cheiros e sons é narrada por um personagem deliciosamente peculiar, que conta de suas andanças pelo sertão Cariri. Depois vem “O vento do meu espírito soprou sobre a vida”, de Erica Nara Bombardi, um conto terno e gostoso como abraço de mãe sobre uma mulher encarregada de cuidar de bichos mágicos que, com aparência de bebezinhos meio encapetados, acabaram de chegar ao nosso mundo. Já “O monstro do Igarapé das Almas”, de Bia Chaves, é dolorido, melancólico e profundo como um igarapé, uma carta de amor e arrependimentos sobre um monstro que foi forçado a sê-lo. “Breve biografia de uma cadeira lúcida”, do nosso brasileiríssimo Renan Bernardo, é a primeira das quatro histórias escritas originalmente em inglês da edição; com uma narradora pouco convencional compartilhando sua forma de ver o mundo enquanto é levada de um lado para o outro, ela conquistou tanto o mundo anglófono que foi finalista do prestigiadíssimo prêmio Nebula na categoria noveleta. Falando em mundo anglófono e em prêmio, temos a honra de publicar em português brasileiro “O algoritmo do bem-estar”, da multipremiada Naomi Kritzer; na história “anti-Black Mirror”, nada mais, nada menos do que vencedora do Hugo e finalista do Nebula de melhor conto, acompanhamos os desenrolares de um aplicativo em que um algoritmo muito bem-pensado realmente contribui para uma vida melhor. Em “Uma eulógia para todos os fins”, história da Jana publicada lá fora na antologia *Imagine 2200*, conhecemos o dia a dia da tanatopraxista de Caiçã, uma comuna onde se vive de forma tão sustentável quanto possível, e onde os mortos contam com a ajuda de fungos para voltar à terra se integrando de forma saudável ao solo. Para fechar, “Quatro memórias soltas”, do Diogo, é um presente para a comunidade do Fantástico Guia; essa ficção relâmpago sombria sobre travesseiros capazes de expurgar memórias desagradáveis está planejada para sair em 2026 na coletânea em inglês *Of Dread, Decay, and Doom* — mas você vai poder dizer que leu primeiro aqui na Cascártica.

Dito isso, é hora de desejar uma ótima leitura! Se você curtiu a edição, compartilhe com o mundo a existência da Cascártica para que essas histórias incríveis cheguem a mais pessoas. E se tiver interesse em fazer parte da nossa equipe, pode entrar em contato pelo fantasticoguia@gmail.com que explicamos tudo sobre o CLET; lembrando que todos os nossos autores (assim como ilustradores de capa) firmam contratos, são pagos pelos direitos autorais e não precisam investir nem um real em serviços editoriais, feitos de forma voluntária pelos Guias e pelos membros do CLET.

Isso só é possível devido à contribuição mensal de todos os participantes dos Clubes ou das Turmas do Fantástico Guia.

E por falar nisso, esta edição é dedicada a todas as pessoas incríveis que fazem ou já fizeram parte da equipe da Cascártica. Obrigada por ter dedicado tempo e esforço à nossa revista e por acreditar nessa ideia de que é muito mais legal aprender na prática — e junto com outras pessoas interessadas em conhecer mais do mercado editorial. A jornada não precisa ser solitária, e o vasto mundo das revistas literárias ainda nos reserva muitas aventuras.

Um abraço cascártico,

Diogo e Jana

Fogaréu

por Arthur S. Brum



Preparação: *Camila Xerez, Jana Bianchi, Janaina Soares, Jéssica Trombini, João Victor Primo, Pamela Gonzalez, Sérgio Bino, Sophia Norberto, Taty Guedes, Victor S. Pastore, Vólia Simões e outros membros do CLET*

Revisão: *Jessica Trombini, Taty Guedes e Victor S. Pastore*



Não, não sou o escritor. Sou aquele que foi invocado por ele. Minha breve passagem por este corpo se deve única e exclusivamente à necessidade de contar um caso. Me rebaixarei a usar esta linguagem tosca e impressa para me fazer ouvido e entendido. Mas tu, leitor, podes ter a certeza de que, por trás de cada letra, houve um crepitar de teclas, embrasadas e faiscantes, fazendo jus à minha natureza — não sou de traí-la tão facilmente quanto vós, mortais. Reservo o entendimento real de meu tremeluzir a essa gente simples e, por vezes, analfabeta. São essas pessoas que possuem a clareza e gozam do privilégio de enxergar o que o estalar de meus velhos ossos carbonizados tem a dizer. Apenas elas ousam me encarar com seus olhos fundos e me ver como realmente sou.

Lembro-me como se fosse ontem dos pares de olhos caboclos, assim como dos vaqueiros, mateiros, rezadeiras, cangaceiros, entre outros tantos em suas andanças por esse infinito sertão, contando suas histórias encantadas ao meu redor ou simplesmente olhando para mim. Vós, tolos que me leem aqui: contentai-vos com esta minha breve centelha.

Tudo ocorreu logo ali, no sertão Cariri, canto de cantos, contos, encantos e encantados. Aos pés da chapada, há uma pequena cidade, encantada, onde fiz uma de minhas moradas neste meu ostensivo e efêmero espaço-tempo. Há décadas, o causticante progresso me deixou só, levando toda a vida que se construía da subsistência desta terra. O vazio deu espaço a toda sorte de especuladores. Mesmo assim, o coração ainda pulsa! A anatomia do lugar configura uma cruz simples em madeira maciça, debaixo de um frondoso juazeiro. Logo atrás, uma igreja erguida a mãos fiéis e pintada em amarelo-ocre, com uma única altaneira. Do outro lado, observo tudo num espaço vago, onde faço meu descanso.

Não demorou para que um engravatado qualquer visse a oportunidade de lucrar com aquele recanto esquecido. Quase despertei quando toda uma gama de parafernálias ruidosas se arrastou por minhas terras, sem pedir passagem ou ao menos deixar algo. Antes mesmo que eu pudesse erupcionar minha ira, me alimentaram com todo tipo de lixo, me envenenando e me aprisionando em meu canto tremeluzente. Ergueram um paredão de caixas sonoras, fazendo vibrar o ar com graves e repetidas batidas monofônicas. Onde antes gado e ovinos pastavam, caminhonetes caras passaram a disputar espaço e cifras. Onde o cheiro de mato e lavoura era exalado, agora fedía a grama e aos hormônios sexuais de uma turba espalhafatosa e barulhenta. Vendas e comidas eram apenas propaganda, sem tempero ou gosto. Ousaram ter minha pobre vila como cenografia para um tosco arraial, sem uma fagulha de alma.

Eis que surgiu uma figura de canto. Usava um chapéu simples e gasto. Suas faces eram enrugadas pelo tempo e curtidas pelo sol. Suas mãos, ossudas e calejadas, repletas de anéis. Às costas, trazia um fole surrado atado a uma tira de couro. Daquele sanfoneiro eu me lembro. De alguma maneira, o velho conseguiu faltar os seguranças e foi parar no palco. Munido do instrumento, perguntou:

— Posso tocar uma música?

Os detentores do microfone se entreolharam, em dúvida. Mas, com receio de fazer desfeita a um idoso em frente ao grande público, acharam de bom-tom ceder.

— Só uma e vaza! — falou o sujeito da mesa de áudio num tom mal-humorado, acoplando uma fiarada na sanfona e ajustando o microfone de última hora. — Ande rápido! Como quer ser anunciado?

— Sou Seu Ciço, mestre sanfoneiro, puxador de quadrilha.

— Espero que toque uma pisa bem boa pra essa galera — disse o mestre de cerimônias sem muita paciência, cochichando. — Com vocês: Seu Zizo! Puxe esse fole! Puxe esse fole! — anunciou em alto e bom som.

Silêncio.

A atenção de todos se focou naquele momento particular. O velho puxou o fole, fazendo-o resfolegar. Logo, suas mãos calejadas percorreram as teclas e os botões do instrumento, soprando notas e combinando harmonias e acordes. Senti no peito o encanto da canção.

*A tradição desse meu fole velho
É conservada na alma do povo*

*Partimos junto de nossa raiz
Para as fronteiras de um mundo novo*

Vi o desarranjo na grande massa. Alternavam o peso corporal entre um pé e outro, desconfortáveis, sem entender o porquê de o velho interromper a música que vinha dos caixões de som. Como uma explosão, as vaias irromperam, reivindicando que continuassem com a festa.

*Esse meu fole quer sempre um motivo
Retrato vivo lá de meu sertão
Nas cavalhadas e das vaquejadas
Festa de ano, noite de São João*

O velho foi expulso pela microfonia: tinham desconectado o sujeito e cortado o microfone, subindo logo um grave para reiniciar a festa. Os seguranças o acompanharam, amparando-o para fora do palco. Antes de sair, contudo, o sanfoneiro virou para tudo aquilo e fez um gesto com a mão: polegar, indicador e mindinho em riste, formando um chifre. Amaldiçoou a festa. Vi minha luz se refletir no fundo de seus olhos miúdos, em sinal de humildade perante mim. Ele me viu, e queria me saudar; estava claro na ruga de um sorriso no canto da boca. Logo sumiu em meio à parede de seguranças. Num canto o velho veio, em cantos ele se foi.

A música continuou em sua monotonia enquanto o cheiro etílico subia. As casas vazias logo deram lugar a bacanaís, que se desenrolavam também em algumas caminhonetes. Poças de lama e mijo se formavam nos verdes campos. A festa estava no auge. Em meio a tais atrocidades, senti o vento rondar. Era o vento Espinhara, quente e abrasador, vindo da boca do estômago deste sertão selvagem. Alguns toldos voaram e a poeira subiu. Logo, o soprar foi dando lugar a um resfolegar vindo de longe. Um pequeno redemoinho se formou perto do juazeiro. Era o ponto de encontro da harmonia e dos acordes. A música bafejava. Todos a ouviam. Revitalizei-me e, de minhas labaredas, os ecos fantasmas dos fogaréus ancestrais passaram a dançar por entre aquela gente medonha. Minhas visagens se manifestaram. Ao meu redor, rodas Cariris dançavam com seus maracás e bater de pés. Alpercatas faziam a poeira subir, enquanto mãos cravejadas de anéis de brilhantes erguiam fuzis, xaxando. Fitas multicoloridas se entrelaçavam, ziguezagueando na multidão atônita. Bois multicoloridos brincavam. Eu

sentia o cheiro de milho, canjica, pipoca, comidas preparadas nos terreiros das casas. Novenas eram puxadas, crianças riam e lançavam seus estalidos de areia, pólvora e papel.

Mas lembrei-me também do fogo de Canudos, minha selvageria impulsionada pela ignorância humana em seu progressivo retrocesso. O fogo rebelde das plantações dos engenhos. As cusparadas faiscantes de carabinas e dos parabelos. Eu estava lá! Eu sou o lá! Lembrei-me de minha fome... Insaciável. Aquele som, trazido pelo vento, me dizia em claro e bom tom: “Cresça. Lembre-se”. Minhas línguas crepitavam e estalavam, assim como meus ossos em brasa! Peguei-me vendo os olhares perdidos daqueles jovens alcoolizados. Estavam longe de entender minha real natureza. Um deles veio ao meu encontro, trazido pela música. Envolvi-o, lambendo suas carnes. Minha saliva se fazia presente pelos olhos dele, derretidos e expelindo humor vítreo diante de minha imagem. Chupei-o até os ossos!

Minhas labaredas serpenteavam enquanto aquelas pessoas, em horror, erguiam as mãos aos ouvidos, pedindo para cessar o resfolegar. Como uma cobra incandescente, eu envolvia um a um, chupando-os, carbonizando-os. Enquanto isso, outros corpos se torciam e retorciam ao meu redor, numa dança de roda, junto aos fantasmas de minhas visagens. No centro, eu exalava minhas baforadas, dançando no céu noturno. Vi minha luz amanhecer a madrugada enquanto aqueles corpos se ressequiam e contorciam. Suas sombras se apequenavam frente ao meu alumiar. Eu estava de volta. Minha ira abrasadora tinha retornado. Toda e qualquer centelha de vida queimava numa explosão. Eu ria e gozava enquanto colocava tudo abaixo, com o fole a puxar uma divertida quadrilha.

Pula a fogueira, iaiá

Pula a fogueira, ioiô

Cuidado para não se queimar

Olha que a fogueira já queimou o meu amor

Lambi tudo, deixando apenas a poeira incandescente. Logo, os ventos Cariris chegaram, trazendo consigo a chuva. No fim, restavam apenas cinzas. Tudo voltou ao pó. O orgulho me incandesceu. Adormeci sob a chuva com a certeza de que as brasas deste chão me pertencem.

FIM

O vento do meu espírito soprou sobre a vida

por Erica Nara Bombardi

■

Preparação: Jana Bianchi, Pamela Gonzalez, Victor S. Pastore e outros membros do CLET

Revisão: Jessica Trombini, Taty Guedes e Victor S. Pastore

■

— E o que ela disse?

— Ca-ça-ro-la. Assim, bem silábico. Depois, me pediu pra contar tudinho pra ela. Foi coisa de uma hora no celular.

Thamires quase cai para trás de tanto rir. A xícara tomba do pires e a maré cafeeína varre a mesa. Ainda bem que estamos em minha casa, em minha cozinha, senão íamos passar muita vergonha.

— Ai, desculpa, mas sua mãe é impagável! — Thamy diz enquanto puxa o pano de prato enroscado no fogão para secar a mesa.

— Ei, deixa isso aí, daqui a pouco evapora...

O sol das cinco da tarde bate em cheio na janela da cozinha. A temperatura fica tolerável para humanos apenas depois das oito da noite. Um problema para mim, mas não para ela.

Thamires é a mais antiga intercambista que conheço. E agradeço, todos os dias, por tê-la conhecido.

— Saudade... Bons tempos na livraria, né? — solto, ao me lembrar de nossa breve excursão pelo mundo dos livros.

— Ah... — Thamy olha para o alto, limpando as lágrimas e recuperando o fôlego. — Sua mãe também ajudava com a loja lá no centro, né? Lembro que levava bolo toda sexta-feira...

— É...

— Nunca perguntei... Mas por que sexta-feira? Por que era só às sextas?

Me ajeito na cadeira, deixando as costas bem retas. Estendo dramaticamente os braços e aprumo a voz.

— Porque, reles intercambista, sextas são de Vênus. — Diante da cara de pastel dela, continuo: — Dia da deusa do amor, e das oferendas para um bom enlace matrimonial, e...

Não consigo terminar de falar: Thamires gargalha até perder o fôlego. Quando se acalma, bebe mais café e reenche a xícara, acrescentando mais três colheres de açúcar. Colheres de sopa.

— Sua mãe é uma figura mesmo... E eu tentando pensar num sentido astronômico... Senhor da paçoca! Com quem mais poderia aprender essas expressões impagáveis? Caçarola, enroscar, senhor da paçoca... Mas, sério... Saudade mesmo de quando o sebo era um lugar, um tempo, quase uma fenda no espaço-tempo, né? Tanta vida, tanta gente, tantas histórias...

— Agora são só quatro caixas lotadas de livros e a venda minguada na internet.

— É... Mas a gente podia retomar algo... Sei lá... Entrevistas no YouTube, talvez? Com uma escritora, ou um daqueles clientes mais fiéis. Pra falar de livros, literatura, conjunção em Vênus...

— Já até sei quem você chamaria primeiro.

Trocamos um olhar e nem precisamos dizer mais nada. Eu sei, e ela sabe que eu sei, de sua fixação pelas pérolas de minha mãe.

Thamy pisca demorado e me olha daquele jeito de quem me vê por dentro. E ela literalmente pode fazer isso, mas agora apenas sente meu estado de espírito. Sabe que não gosto que ela confira a gordura de meu fígado ou que leia meus pensamentos.

— Não vai desistir, vai? — ela pergunta, e tenho vontade de chorar.

Em vez disso, bebo mais um gole do café amargo e quente. Inclino o pescoço para o lado, coloco a mão no ombro, e ela sabe que eu estou entre cansada e putérrima.

— Eu juro que não te li. Você sab...

— Eu sei, eu sei, mas não tem importância. Você já me conhece bem demais. Assim, vou ter que te matar.

E rimos, com uma intensidade muito menor do que antes — um daqueles risos acanhados por existirem, como adolescentes tímidos na festa de Natal da família.

Thamires se inclina para a frente, um pouco mais ágil do que uma pessoa, e me pega pelas mãos.

— Você é ótima nisso. Ótima. Todo mundo diz. Não pode desistir — ela diz. — E o que vai fazer se desistir? Posso saber?

— Plantar galinhas? Criar morangos? Reabrir o sebo?

Tento rir, mas dessa vez não consigo nem fingir. Ela solta minhas mãos e arrasta a cadeira para trás, atravessa a curta distância entre a cozinha e a sala e abre a porta de vidro da varanda. Sinto a corrente de ar passando por mim. Fresco... Sei que ela fez isso para me agradar. Vou até ela e ficamos admirando a paisagem — quer dizer, a paisagem na brecha entre os prédios vizinhos. Há ali um trecho de azul, das nuvens que se acumulam em algum horizonte, onde há algum horizonte.

— Vai chover mais tarde — ela diz para me animar, mas deve ser verdade; Thamy é capaz de ler o clima também.

— Queria fazer isso algum dia. Ler as linhas invisíveis, como vocês.

— Huh, isso é discriminação!

— Discriminação positiva?

Ela revira os olhos. E apoia os braços no balcão.

— Quando chega o próximo? — pergunta.

Suspiro antes de responder:

— Amanhã.

— Eee, tá vendo? Nem tem tempo pra essa lenga-lenga. Já preparou o quarto?

Com a colcha de patchwork que sua mãe fez?

Dou um tapinha no topo da cabeça dela.

— Ah, por favor, me deixa ligar pra conversar com ela!

Dou outro tapinha e sorrimos, um pouco mais descontraídas.

Thamires fica um pouco mais e promete vir de novo amanhã, mas sei que é mentira. Nem por todo café mortalmente adocicado do mundo ela viria logo no primeiro dia de intercâmbio.

A noite chega às oito horas, com uma leve garoa. No dia seguinte, não há sombra da chuvinha, e sinto o suor escorrer logo ao sair de meu banho às sete da manhã.

O porteiro liga e diz que chegou uma encomenda. O pacote é mais desajeitado do que pesado, como usual, e quase tropeço nos degraus da subida de volta. Odeio subir pelas escadas, mas não tem jeito; nesta fase, poderia ser perigoso pegar o elevador.

Abro o pacote no quarto. Sobre a cama, desarrumo a colcha de patchwork. Coloco bem no centro o ovo que retirei do embrulho e puxo a colcha mais para perto dele, até perceber que ficou bem quentinho. Daí me sento na poltrona, estendo os pés para a beirada da cama e fico ali, encarando o ovo.

Tem o tamanho de um ovo de Páscoa dos bons, daqueles que a gente sempre pedia, mas nunca ganhava dos pais. Seria como um de avestruz? Não faço ideia... Pego o celular para pesquisar no exato momento em que o visor brilha com uma mensagem.

< CONFIRME O INÍCIO DO INTERCÂMBIO >

E se eu não confirmar? Sempre tive essa dúvida. O que fariam? Eu poderia teclar um “O quê?” e esperar a resposta, mas duvido que seria pacífica. Ou sei lá, apenas iriam me ignorar, como o restante do mundo... Não tenho como saber.

< SIM >, envio.

Apenas um “sim”. Nas primeiras vezes, tentei uma interação maior. Eu dizia que havia chegado, que estava tudo normal, até mandava fotos. Sempre fui assim, acho. Mais como um labrador libriano do que um siamês escorpiano. Nunca responderam.

O ovo se mexe. Antes da primeira rachadura, há o estampido, um som curto e estridente como o de um ônibus brecando. Depois, por oito segundos, tudo treme: o quarto, a cozinha, a varanda.

Embora seja apenas eu e meu apartamento que sintamos o tremor, o prédio inteiro sofre alguma consequência. Às vezes pequena, como quando as lâmpadas da recepção piscaram por uma semana inteira sem solução, às vezes grande, como quando a parede do subsolo trincou de cima a baixo. Vão falar que teve outro vazamento de gás, ou que o encanamento antigo está precisando ser trocado, ou que a fiação já foi para o espaço.

O ovo estremece e solta um vapor que toma o quarto inteiro, vaza para a sala e a cozinha. Corro e fecho a varanda, fecho as cortinas. A luz da manhã bruxuleia pelos vãos e faz cintilar os grãos de poeira que pairam no ar. Presto atenção. Um arco-íris... Forço os olhos a procurar por um arco-íris. Poeira, luz e sombras. O vapor se adensa em neblina, e mal consigo enxergar.

Não. Mais uma vez, nada de arco-íris.

Sinto o cheiro antes de ver qualquer coisa. Um cheiro de frescor, como se estivesse perto de uma cachoeira. Cheiro de verde. Quando a neblina some, as paredes estão cobertas de avencas, samambaias, peperômias em pencas das quinas no teto e um tinhorão rosa no chão perto da porta da varanda. Mais plantas brotam aqui e acolá; certamente vou querer procurar o nome de todas, mas deixo essa diversão para depois.

Pé ante pé, volto ao quarto. A porta range quando a forço para abri-la; algumas zamioculcas são podadas no processo.

Em cima da cama está o ovo rachado, uma lateral inteira caída para o lado; a outra parece ter sido explodida. Por reflexo, procuro nas paredes, mas não encontro o ser. No teto, nada... No canto mais escuro, atrás da porta... Nada... Então escuto um gemido. Me ajoelhando, observo embaixo da cama.

Thamires está certa. É preconceito achar que todos são iguais. Todos precisam ser tratados do mesmo jeito, mas nunca são iguais. Tiro sarro dela, mas eu sei.

Embaixo da cama, mais distante de mim, encostado na parede de fundo, lá está ele. Ou ela. Elu, talvez? Ainda não sei. E não me olha. Esconde o rosto entre as mãos, entre as garras imensas; posso ver que tem um rabo gordinho na base que vai afunilando em uma ponta dotada de outra garra.

— Ei... Vem aqui, vem? — Não vejo movimento algum. — Não consigo chegar até aí... — E não é mentira.

Quando o robô aspirador para em um desses cantos impossíveis, eu o tiro com suaves pancadas com o cabo da vassoura.

Antes de cogitar pegá-la, me levanto e me sento na cama. Suspiro. Seria ótimo acender um cigarro e tragar profundamente — se eu fumasse. Seria um daqueles momentos perfeitos para isso. Numa cena *noir*, em preto e branco, eu num vestido colado, um braço cruzado sobre mim mesma, o outro levemente apoiado na cintura, segurando o cigarro acima do queixo enquanto a fumaça sobe em espiral.

Mas, como não fumo nem uso roupas justas, faço o que faço nessas ocasiões em que não sei o que fazer: vou até a estante da sala e volto com um volume entre as mãos. Um livro. Abro na primeira página.

— “Dize, o vento do meu espírito soprou sobre a vida” — leio em voz alta.

Cada palavra tem seu espaço no tempo; não corro, sinto as sílabas, a pausa de cada vírgula, leio e não paro até sentir uma garra em meu tornozelo, arranhando de leve. Vejo os olhos imensos e verdes me encarando de volta. Então, espero que ele se ajeite e aquiete, e recomeço a leitura até chegar a “No momento da tua renúncia estende sobre a vida os teus olhos e tu verás o que vias: mas tu verás melhor...”

Os olhos verdes piscam, e piscam mais demoradamente. Depois, um bocejo. Meu livro de emergência sempre funciona. Tanto em mim quanto neles. Cecília Meireles ficaria orgulhosa, ou tremendamente possessa. Mas, em minha defesa, devo dizer que não sinto sono, e sim aquela sensação que existe antes do dormir, antes de perder a consciência e mergulhar no onírico. É essa a sensação: paz, uma paz da sagrada extensão de Fujiyama.

Também devo admitir que, desta vez, apenas desta vez, pisco mais demoradamente que o normal. Me deito na cama, ao lado das cascas do ovo, e prometo a mim mesma que vou limpar isso tudo daqui cinco minutos.

Abro os olhos devagar, a delícia de uma tarde na praia, areia branquinha e a sensação do borrifar da água salgada das ondas. Estendo o braço e escuto o *creee* das areias... Não, são os pedaços das cascas do ovo. Me sento na cama, inundada pelo mais repleto pânico. Bato os olhos no visor do celular e noto que cochilei por uma hora inteira. Caçarolas! Nada no teto, nem nas paredes, nem no chão. Da sala, escuto o barulho da cortina correndo nos trilhos do varão.

De um pulo estou no cômodo vizinho, fechando o que resta da cortina e pegando a criatura no colo, garras e pele escamosa, e o rabo, e um par de asas, tudo se agitando em uma reclamação chorosa.

— Muito bonito, muuuuito bonito... — digo, tirando partes do véu dos dentes e desenroscando as linhas das garras. — Podia me esperar, mas não, mas não... Ficou aí, fazendo a maior bagunça e...

Os olhos verdes se enchem de lágrimas, e prendo a respiração. Lágrimas, lágrimas. Volto a respirar. Pensei que a criatura fosse explodir em urros, mas não: é um choro tão silencioso... A boca fechada para dentro, as mãos agarradas uma na outra, a cauda tremendo.

Me sento sobre as pernas e abraço o bebê com cuidado. Talvez tivesse sido melhor se ele gritasse. Para isso eu estava preparada. Até as paredes do apartamento estão com algum tipo de aparato invisível que Thamires checa a cada seis meses. Então, como eu dizia, todos estamos preparados para o grito, mas para essa tristeza silenciosa...

— Calma, calma. Já passou. Tá vendo? Tá tudo bem.

Embaloo o bebê e a mim mesma com esse mantra. Tá tudo bem. Ele se acalma, suspira fundo. Ainda ajoelhada, coloco a criaturinha no sofá, entre duas almofadas, e nos olhamos sem dizer palavra alguma. Limpo o rosto dele com as costas das mãos; ele apanha uma delas e morde.

Aguento a mordida, embora a vontade seja de chacoalhar os dedos e o jogar longe.

— Ah, está com fome. Já entendi.

O bebê solta minha mão, que fica vermelha pela pressão da gengiva — sem dentes, graças aos céus.

Vou até a cozinha e pego na geladeira a mistura já pronta. É a mesma de sempre, a que Thamires diz que o escritório enviou para ela me entregar. Uma mamadeira com um líquido viscoso rosa. Não, eu nunca quis experimentar, de forma alguma, nem bebendo, nem jogando nas plantas... Mas não posso dizer que não pensei em oferecer para o homem do 302, que gosta de ligar o karaokê no último volume aos sábados, às dez da noite. Esquento a mamadeira no micro-ondas e volto para o bebê.

E é claro que lá está ele, onde o coloquei, mastigando outro pedaço de cortina. Sento ao seu lado, o embalo, tiro de novo o tecido da boca e das garras e dou a mamadeira. Ele suga, com fome, e preciso preparar mais uma. Também toma tudo com vontade, e acaba pegando no sono. Fico feliz ao notar que as asas pontiagudas, que acabaram espetando minha blusa desfiando vários pontos, já se retraíram.

Coloco-o na cama, perto da colcha de patchwork. Aproveito para limpar a bagunça de cascas do quarto, e deixo o bebê entre dois travesseiros.

Estico os braços para o alto até escutar o estalar da coluna e vou para a sala. A cortina está um caos, mas dá para arrumar. As plantas que nasceram por todos os lados servem para a sobrevivência dele neste início de vida. Logo estarão mais escassas, sumindo à medida que ele se ajusta ao clima, ao lugar, ao planeta.

Isso tudo está no PDF que me enviaram na contratação. Eu li uma vez de cabo a rabo e depois ele sumiu do meu computador, do meu celular... Quando tenho alguma dúvida, pergunto para a Thamires.

Plulim.

Uma mensagem no celular. É a própria.

< viu, não vou hoje. não dá. mas te mandei uma encomenda. chegou? >

Vou até a caixa de correio que fica no corredor de meu andar e pego um pacote retangular e estreito. Só abro depois de passar o café e me sentar gostosamente na poltrona entre a bromélia imperial e o hibisco roxo.

< Thamires, não entendi... >

Achei que fosse alguma pasta desidratada, talvez envelopes com sementes especiais, mas não: é um porta-retratos, desses comuns que se compra hoje em menos lugares do que antigamente.

< é muito lerda mesmo... >

< Me respeita que eu sou mais velha do que você >

< imagina, sou anos-luz mais velha, é que estou conservada 😊 >

< Tá... >

< só coloca o porta-retratos aí na sua sala >

< Mas... e a foto? >

< já tem, não tá vendo? >

Coloco o café na mesinha de canto, respiro fundo e me dedico à árdua tarefa de analisar o porta-retratos. É retangular, com bordas de metal decoradas. Tem uns vinte e cinco centímetros de altura, acho, o que é um pouco extravagante demais para o meu gosto; dentro, uma daquelas folhas com a imagem de um astro de TV.

< Tá... >

< é o Rodrigo Santoro, sua anta >

Sim, a folha dentro do porta-retratos é uma foto dele, uma daquelas de publicidade. O Rodrigo Santoro com um meio sorriso, aparecendo da cintura para cima, com uma jaqueta preta, óculos, o corpo ligeiramente de lado e o rosto como que virando na direção do observador. Numa daquelas poses descontraídas e espontâneas que só são possíveis depois de horas de tentativas.

< Tá, e...? >

< quando eu for aí, a gente liga pra sua mãe, uma chamada de vídeo, e daí a gente vai pra sala, e, como quem não quer nada, eu foco na foto, e... caçarola! >

Desligo o aparelho. Desligo mesmo, totalmente.

Tomo um gole do café. Gelado.

No teto, a criatura dorme, envolta em suas asas, pendurada de ponta-cabeça como um morcego.

No dia seguinte, o bebê já está com dedos redondinhos, cinco em cada mão; eu conto enquanto dou a mamadeira. E cinco dedinhos em cada pé. Nada mais de garras. E as asas, de novo, desapareceram.

Ele bebeu três mamadeiras em cada refeição, sinal de que já posso dar as refeições pastosas.

As plantas que pendiam dos cantos do teto desaparecem no terceiro dia, assim como as escamas da pele do bebê. Já se parece um tanto a mais com um humano, então pego o carrinho que estava dobrado embaixo da estante de livros e vamos passear pelo bairro.

— Que carrinho mais legal! Você comprou onde? — a mocinha do 215 me pergunta assim que entra no elevador.

— Na estratosfera egípcia.

Gosto de inovar nas respostas.

Ela olha para o espelho às suas costas, pisca, arruma a franja, e depois se vira de novo para mim.

— Que carrinho mais legal! Você comprou onde?

O pessoal do prédio nunca lembra dos bebês. Nunca. O que é um maravilhoso exercício para meu lado passivo-agressivo.

Pelas ruas do bairro, as pessoas observam, sorriem, às vezes fazem um comentário ou outro. Não sei se elas se lembram, mas decididamente não enxergam a mesma coisa que eu. Uma senhora me pergunta “Quanto meses tem sua menina?”. O garoto com a camiseta verde dá uma olhada e me questiona se meu menino é palmeirense. E o vendedor de suculentas, sempre na esquina ao lado da Drogasil, não percebe quando o bebê pega uma das plantas e a come. Acho que só o gato dele nota algo diferente, olhando fixamente para o carrinho enquanto balança a ponta do rabo de lá para cá.

No elevador, encontro com Miguel do 808. Ele é alto, ombros largos, sempre usa camisa polo e calças compridas, nunca o vi de bermuda e chinelo. O cabelo está entre curto e médio, e grisalho na franja. Lembro do porta-retratos e percebo, agora, que ele tem um ar de Rodrigo Santoro, como no filme *Simplesmente amor*, um olhar juvenil e sincero. Suspiro, e quero me bater por isso. É um péssimo ato falho. Sempre suspiro ao entrar no elevador com ele. Deve ser uma daquelas coisas do universo, do senso de humor, pois isso acontece com mais frequência do que deveria. Algumas noites, antes de dormir, enquanto finjo que fumo, fantasio com ele me esperando assim, como um detetive particular charmoso, aguardando eu chamar o elevador para aparecer logo atrás de mim e me dizer aquele bom-dia — ou boa-noite — cheio de promessas. Promessas de que eu, em breve, procure um psiquiatra.

— Vai esfriar logo — ele diz, me acordando de uma quase lua de mel mental.

— Tomara, tomara.

— Aí é bom um vinho. Você gosta de vinho tin... — Ele coloca a mão no peito e dá um passo para trás. — É um bebê? Jesus! Pensei que fosse um cachorro! Tem muito disso... pessoas com poodle em carrinhos, não? Você... Você... Você é a mãe?

É impagável. A fantasia de lua de mel sempre termina com uma dessas cenas. Ele sempre dá um passo para trás e faz uma cara de filme de terror. Dura apenas alguns segundos; depois se recompõe e recomeça a falar sobre o clima, sobre vinhos, sobre a pintura do sétimo andar, sobre o karaokê do seu Antônio. Ele é ótimo de papo, e eu

certamente teria aceitado o vinho, a pintura, o clima e o karaokê se não fossem aqueles poucos segundos.

— É, sou sim — respondo com orgulho desta vez, e abro a capota do carrinho para que o bebê fique ainda mais visível.

— Tem meus olhos, né? E garras. Não acha?

A criaturinha, que estava entretida chupando o dedo do pé, olha para o alto e mostra a língua bifurcada enquanto sibila.

— É um menino bem, bem compacto... Ou uma menina? Gord... Fortinha?

— Sabe, Miguel, é uma criatura draconiana de Marte, ou um reptiliano de Arcturus. Mas me pergunta se eu sei? Eu sei? Não... Por que saberia? Eu? Uma ninguém? Eu cuido, alimento, dou banho, troco, boto pra dormir... Mas acha que alguém se presta a me explicar alguma coisa? Presta?

— É... É... um bebê bem, muito mesmo, bem... singular...

Percebo que Miguel-Rodrigo-Santoro está com dificuldades para encontrar adjetivos, e que meu fio da sanidade está bem desencapado — mas, para a salvação de meu réu primário, o elevador chega ao meu andar.

— Boa noite — digo, e escuto o suspiro dele.

É um tanto diferente do meu. Em grau e gênero. Miguel é daquela espécie, não tão rara assim, que se assusta e foge quando mulheres têm bebês, não importando se são humanos ou não.

— Vamos, fofinho. Mamãe vai fazer um bife à la Miguel para você.

O bebê sibila de novo, mais feliz, pezinhos e mãos e rabo para o alto, feliz com a promessa gastronômica. Pelo menos tem uma boa chance de aproveitar a companhia de Miguel com mais intensidade do que eu.

É só quando vou me deitar à noite, dando leves tapinhas nas costas do bebê para niná-lo, que me dou conta de que Thamires falou oitocentas vezes sobre o porta-retratos, mas não perguntou nadinha do fofinho.

Acordo com os barulhinhos do bebê. É cedo, muito cedo ainda, mas ele olha para mim, bate a mãozinha em meu nariz e ri. A pessoa que não se alegra com esses risinhos já morreu por dentro.

— Quem é a criatura mais fofa do mundo?

E ele ri.

— De quem é esse dedinho mais redondinho?

E ele gargalha. O bebê parece cada vez mais com um ser humano.

— É o seu, é sim! É o dedinho do Alex!

E meu celular apita, indicando que chegou uma mensagem.

Não quero olhar. Levo Alex para o banheiro e o mergulho na banheira com água morninha. Ele gargalha mais e bate as mãos na água, molhando minha barriga inteira. Seco o bebê com a toalha felpuda e cheiro o topo da sua cabeça. Não sei descrever. O aroma é gostoso como de xampu, mas tem aquele algo a mais. Vejo que a pelugem marrom já está maior; o cabelo dele vai ser castanho-escuro. Os olhos continuam verdes, mais cristalinos e claros do que os meus.

— Vai fazer um sucesso danado, hein?

Beijo o braço cheio de dobrinhas do bebê enquanto ele mesmo equilibra a comida na colher.

Passeamos na praça, e Alex come mais suculentas do vendedor que fica na esquina. Compro mais duas para levar para casa, para o lanche, visto que o apartamento está com cada vez menos vegetação.

No elevador, levo Alex no colo. Antes que Miguel pergunte alguma coisa, digo que o bebê logo vai ter um irmãozinho, e me divirto com o olhar de pânico do homem. Acho que isso é um adeus, Miguel... E sim, achei algo melhor do que você: um porta-retratos.

Alex dorme cedo. Ficou cansado do passeio no parquinho da praça. Ele interage mais com as outras crianças, gargalha e experimenta os primeiros sons, bem alto, e não quer mais parar depois que começa. Eu também não quero. Não quero que pare.

Vou para a sala e não ligo luz alguma. A lua está cheia, mas em quase nada clareia; a minha fresta entre os prédios vizinhos é estreita demais. Ligo o celular, e vejo na tela a mensagem do WhatsApp.

< qual é o nome dele? >

Me afundo na poltrona entre a mesinha de canto e a estante baixa de livros, digitando “Alex”.

Depois, puxo um livro da estante da sala. “Recria tua vida, sempre, sempre. Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.”

Vou para a cozinha descascar maçãs. Quero fazer um doce com maçã, muito açúcar e massa folhada. Alex vai amar.

No dia seguinte, ele come uma fatia inteira do strudel; já vejo quatro dentinhos, dois em cima e dois embaixo. Ele vai ficar mais manhoso, chorar mais, coça e dói

quando nascem os dentes. Como não doeria? Imagina nascerem dentes em sua boca da noite para o dia? Rasgando a gengiva?

— Promete que vai ser bem obediente, tá? E que vai se comportar.

Beijo o topo da cabeça dele e sinto aquele cheirinho de banho recém-tomado e algo a mais.

Tuc, tuc, tuc. Escuto o barulho na porta de vidro da varanda da sala.

Abro, e pousa na poltrona uma cegonha. Coloco Alex na cesta que o pássaro carrega.

— Ah, espera!

Corro até a cozinha, pego o pedaço de strudel que embrulhei e volto com a intenção de colocar o doce na cesta, ao lado de Alex.

Quando chego à sala, porém, a poltrona já está vazia.

Por entre os prédios, sei que se espremer bem os olhos vou conseguir ver um pássaro voando ao longe. Mas não quero.

Vou para o quarto e me enfio debaixo da colcha de patchwork. Respiro fundo várias vezes, gastando todo o cheirinho de Alex, e durmo.

O celular apita sem parar. Eu bato nele, desligo o alarme. E me lembro que eu não costumo colocar alarme algum.

Volto a dormir.

— Ei, ei. Pipocas amarelas! Você precisa urgente de um banho. Ei!

A voz alta me acorda. Thamires está sentada ao meu lado, na cama. Resmungo algo e ela arremessa a colcha para longe, depois abre com força a janela do quarto, batendo a folha de alumínio na esquadria, soando mais alto que o famigerado karaokê.

— Tá, tá, já acordei.

— E já pro banho!

Thamires me empurra para o banheiro e fecha a porta. Fica tagarelando do lado de fora, e não sei se ela realmente não percebe que é impossível escutar algo acima do som da água do chuveiro.

— Ah, agora tá bem melhor, viu?

Ela me faz café, infelizmente doce, e coloca o strudel cortado em fatias no centro da mesa estreita da cozinha. Como um pedaço e bebo o café de um gole só. Daí tomo mais e mais café para acompanhar o strudel inteiro.

— Agora, sim. Bem melhor.

Thamires me mostra algo no meu celular e sorri, um sorriso maior e mais vermelho do que o de uma pessoa normal, mas isso não me assusta nem um pouco.

— Posso? Posso? — ela me pergunta, e percebo tardiamente que é uma chamada de vídeo com minha mãe.

— Vovó! Sou eu! É! Eu mesma! Olha, tem uma novidade...

Thamires corre para a sala. Posso escutá-la derrapando no tapetinho, e o barulho seco de um encontrão com a mesinha de canto, onde está o porta-retratos do Rodrigo Santoro.

Suspiro.

Suspiro de novo e vejo um envelope em cima da mesa. Thamires deve ter trazido do escritório. Ela é quarteirizada de uma empresa que é terceirizada por alguma outra que cuida de todo o processo. Nem Sherlock Holmes para acompanhar a teia de tanto CNPJ. É freelancer como eu.

Antes que dê por mim, já abri e li.

Vou para a sala.

— Então! Então! Eu sei! Eu sei! — Thamires diz para a videochamada, e desliga.

Volta o porta-retratos para o lugar e pula da poltrona.

— Patavinas! Patavinas!

Thamires explode de rir.

— Aliás, sua mãe tá vindo! A vovó tá vindo! A gente vai almoçar naquela padaria boa da avenida! Ela tá louquíssima e quer detalhes! — Ela me chacoalha pelos ombros. — De-ta-lhes!

Ri tanto que eu não consigo evitar sorrir.

— O que você inventa pra minha cabeça...

Com ela ainda segurando minhas mãos, nos sentamos juntas no chão, olhando para o vão além da fresta dos prédios da frente.

— Quando vai ser?

Eu sei o que ela quer saber, e minto.

— Quem sabe?

Thamires puxa as pernas junto ao peito e suspira.

— Não recebi aumento, acredita? — Ela faz uma vozinha fofa.

— São uns porcos capitalistas! — E rimos. — Aliás, tanta tecnologia, não? Vem de tão longe... Conseguem trazer uma vida de tão longe, de anos-luz daqui, mas não conseguem lidar com o cuidado e a criação.

— Pra isso não tem tecnologia, não... Cuidar... é difícil isso, como é. Educar pra ser humano. Precisa de uma pessoinha cheia de muito amor — diz Thamires, e me lembro do poema de Cecília Meireles. É preciso o sopro do espírito para acender no outro a chama, a luz...

Ela me abraça de lado, daquele jeito que gosto, quando coloca a cabeça em meu ombro e me envolve com suas asas da cor do arco-íris.

— Você sabe que é a melhor mãe que eu poderia ter no mundo, né? — acrescenta.

— No mundo? — Aperto a bochecha dela.

— Tá, tá, no universo inteiro.

E Thamires ri do mesmo jeitinho que riu quando nos vimos pela primeira vez. Quando ela era apenas uma criatura saída de um ovo em cima de minha cama, envolta na colcha que minha mãe fez, uma criatura meiga e linda.

Minha linda criatura mágica de arco-íris.

FIM

O monstro do Igarapé das Almas

por Bia Chaves

■

Preparação: Jana Bianchi, João Victor Primo, Lucas Faria, Pamela Gonzalez, Victor S. Pastore e outros membros do CLET

Revisão: Taty Guedes e Victor S. Pastore

■

A primeira vez foi no meu aniversário de seis anos.

Nunca te contei, não é? Acho que não sabes muita coisa sobre mim, afinal. Mas essa história é marcada a ferro quente em meu cérebro; lembro de forma tal que parece que a vivi ainda ontem. O cheiro do bolo de cupuaçu feito por minha avó, o som desenfreado de bexigas estourando aqui e ali, e ah, o sol, minha correria frenética enquanto brincava com as outras crianças... Até o Marquinhos, da escolinha de natação, me dar uma rasteira e eu cair de cara no asfalto, ralando o nariz e a testa. Tenho a cicatriz até hoje.

“Engula a raiva”, minha avó disse. Não chegaste a conhecê-la, talvez até tivesses gostado dela. “Ninguém gosta de gente emburrada. Faz feio brigar”. E assim, obedeci, e assim, engoli. Depois, segui brincando pelo resto do dia, ignorando a raiva que brotava e queimava em meu peito, abafando-a até chegar a noite e eu poder me esgueirar para fora de casa, saltando sobre balões murchos e pratinhos de plástico com restos de brigadeiro espalhados pelo chão.

Eu morava em Belém, tu sabes, perto do famoso canal da rua Visconde de Souza Franco, conhecido à boca miúda como “Igarapé das Almas” — ou assim viria a ser conhecido, alguns anos depois.

Fui direito para ele naquela noite. Ajoelhei à beira, me sentindo enraivecer, a fúria incendiando minhas veias como fogo de palha. Cocei a cicatriz na testa, de onde brotavam protuberâncias duras, ásperas, despontando da pele como cornucópias. No reflexo das águas diante da qual me acocorei, pude ver meus olhos brilhando num vermelho de fogo-fátuo. Na escuridão da noite, urrei, e o som reverberou pelas ruas adormecidas.

Voltei para casa, me enfiei na cama e dormi. Acordei no dia seguinte com a aparência e o aspecto de sempre, e assim segui.

Poucos anos mais tarde, sofri humilhação em praça pública — ou melhor, em sala de aula pública — nas mãos de uma velha professora, que expôs minha burrice em matemática para quatro dezenas de alunos. Eles riram sem piedade de minha cara acabrunhada. As gargalhadas me acompanharam, ecoantes, por todo caminho até em casa.

Naquela noite, voltei ao canal. Assisti, com satisfação perversa, enquanto uma pelagem espessa brotava em meus braços e rosto, garras saltavam de minhas unhas roídas, presas se alongavam em meus dentes. Mais uma vez, urrei. Um urro que sacudiu todo o bairro do Reduto.

Um tempo depois, foi uma escorraçada de meu pai, que me chamou de vagabundo por jogar bola o dia inteiro em vez de estudar. Um pouco mais adiante, o dia em que um moleque me assaltou e levou o dinheiro da passagem de ônibus do mês inteiro. Um tico mais tarde, o primeiro fora de uma garota (tu talvez aches isso irônico). E, alongando mais o tempo, o primeiro chefe cretino que tive, que me impôs intermináveis horas extras.

Engula a raiva, menino. Em todas as vezes, eu engoli. Engoli, mastiguei, digeri, para só depois vomitá-la no canal da Visconde de Souza Franco, minha aparência cada vez mais monstruosa, meus urros cada vez mais altos e sacolejantes, e repetia que estava tudo bem, estava tudo bem, eu achava que poderia viver o resto de meus dias assim, e a fera estaria sob controle, e eu estaria sob controle.

Até o momento em que deixei de estar. E tu podes imaginar qual foi, não podes? O dia em que me deixaste.

Tu não sabes, porque bateste a porta com mala e cuia nas mãos para nunca mais voltar, mas, um minuto após tua ida, algo começou a acontecer dentro de mim: um rasgar irrompendo do peito, uma queimação sob a epiderme, um latejar de veias, de mente, de alma. Eu tive um apagão naquela noite. Quando acordei, não estava mais em casa. Tu podes imaginar onde eu estava.

Lá, no canal da Visconde. Como fiz todo o caminho até Belém, jamais soube dizer. Tudo é nebuloso, inclusive o momento em que abri os olhos e vi minha pele se rasgar, e meus ossos se desmontarem, e meu corpo doer e transmutar dilacerando minha boca, que se abriu no urro mais potente que esta cidade já ouviu.

Tenho ficado aqui desde então, sabe? É isso, caso tenhas te perguntado por que nunca mais ouviste de mim. Não posso deixar este lugar. Não posso te encontrar, pois nunca mais retornei de minha forma monstruosa. Meus uivos decoram as noites

belenenses, permeando o local com lendas do imaginário popular, batizando o local de Igarapé das Almas.

Minha consciência oscila constantemente. Por vezes, um monstro irracional; por outras, uma pessoa com mente e coração humanos. Mas essa segunda faceta tem aparecido cada vez menos. E temo que em breve desaparecerá para sempre. Por isso, te escrevo esta carta, na esperança de que um dia a leias. Para que ao menos alguém saiba. Para que ao menos tu saibas.

Eu te amo. Essa é uma coisa (dentre muitas outras) que eu não deveria ter engolido.

FIM

Breve biografia de uma cadeira lúcida

por Renan Bernardo

■

Tradução: Renan Bernardo

Revisão: Jessica Trombini, Taty Guedes e Victor S. Pastore

Publicado originalmente em inglês e português na revista Samovar (leia [AQUI](#))

■

1

Nasci de uma carpinteira com mãos trêmulas nos fundos de uma serraria. Seu nome era Anatólia. Havia dias em que ela serrava alguma parte de meu corpo para consertar alguma falha. Em outros, arremessava meus pedaços contra a parede, esbravejando para a mobília tímida que ela mesma construía. Se soubesse que havia me outorgado consciência através de sua arte, talvez pensasse diferente. Eu não me importava. Anatólia era tenaz e cuidadosa, e ignorava os reclames de seu filho, que insistia que ela não tinha mais idade para aquele tipo de trabalho pesado. Fazia bem em ignorar. Madeira de carvalho sobrevivia por milênios. Anatólia possuía apenas algumas dúzias de dobras nas bochechas e os olhos clareados. Seu jeito todo particular de arquejar não significava nada. Tinha bastante tempo pela frente.

Ignorando toda a modéstia engastada em minha madeira pelas mãos daquela senhora carpinteira, eu podia afirmar que era uma verdadeira obra de arte. Cavalos-marinhos adornavam as palmetas no topo do meu encosto que, por sua vez, era ornamentado com bolhas e o contorno de peixes. As conchas de marisco ao redor do meu assento e as flores-de-lótus em meus quatro pés me davam um toque de sofisticação. Os detalhes eram tão primorosamente trabalhados que eu temia o dia em que alguém me empurraria contra outros camaradas de madeira. Meu assento estofado era de um carmesim aveludado, não muito diferente dos olhos do filho de Anatólia no dia em que ele entrou na serraria. Foi o dia que tomei meu primeiro banho de sol. O dia que descobri coisas que não desejava.

Mas, vamos por partes. Isso aconteceu duas semanas após Anatólia suspirar e murmurar palavras misteriosas e edificantes próximo a mim. A carpinteira estava sentada em um dos meus parceiros, um banquinho bambo e sem consciência. Respirando daquela forma toda dela, barulhenta e ofegante, Anatólia disse:

— Ela vai amar você.

Minhas farpas se eriçaram. Quem seria “ela”? Eu perguntaria se tivesse uma boca. Anatólia foi embora após alguns minutos de cochilo com as mãos apoiadas nos joelhos, como se hipnotizada por um pensamento um tanto quanto volumoso.

Foi a última vez que a vi.

Quando o filho de Anatólia me trouxe para fora da serraria pela primeira vez, ele chorava, assim como meia dúzia de outras pessoas, todas reunidas e se abraçando na varandinha de uma casa pintada com tinta verde descamada. Um caminhão branco com luzes vermelhas estacionou no caminho de cascalho. O pacote comprido que foi levado até ele cheirava a serragem e café.

Cada pedacinho dentro de mim se deformou e inchou infimamente quando a luz do sol me tocou. Por coincidência, foi bem no momento que percebi o fim de minha carpinteira. Para a minha infelicidade, ela não era feita de carvalho como eu, mas de uma estrutura mais fraca e menos resistente chamada osso.

— Pode ficar com elas — o filho de Anatólia disse para Tia Suzana como se eu não estivesse escutando. Apontava para mim e para outras mobílias. — Preciso me mudar em breve.

Seria Tia Suzana a pessoa que me amaria?

2

Tia Suzana me enfiou na mala de sua caminhonete. Fiquei lá por um tempo, até que ela decidiu me vender para uma filial da Sonho & Construção, perto de um restaurante na BR-116. Naquela época, eu não tinha muita noção de que R\$100 era um valor bastante inadequado para manter minha dignidade e valorizar todo o suor que Anatólia deixara pingar em mim. A ignorância é uma benção. Provavelmente, as duas notas de cinquenta serviram para pagar o jantar de Tia Suzana naquela mesma noite. Merecidamente, ela deixa a história a partir de agora.

A vida na Sonho & Construção não era como eu imaginara. E foi assim que os anos sombrios começaram. Literalmente. João Gustavo, o gerente, decidiu me deixar em um canto onde o sol nunca batia. Com Anatólia já mais distante na memória, comecei a ansiar por aquelas faixas luminosas que cortavam a entrada principal da Sonho & Construção e realçavam os grãos de poeira no ar. Uma plaquinha foi colocada em mim, com o número “200”, mas eu não pensava muito nos números de Tia Suzana e João Gustavo. Não faziam sentido, e eu nem queria que fizessem. Minha preocupação

era se a plaquinha ficaria tempo demais no meu assento, o que poderia acabar marcando-o com um retângulo bastante indelicado.

Aqueles também foram anos sombrios metaforicamente. Minha rotina estava limitada a apoiar nádegas indiferentes durante o dia e sentir o odor umedecido de meus colegas sem consciência à noite. João Gustavo parecia não se importar que fediam. Que nós fedíamos. Gabava-se com números, digitava em computadores e fazia caretas de insatisfação para seus subordinados. Era um pouco como Tia Suzana. Ou como o filho de Anatólia. Incapazes de amar algo manufaturado de forma tão sublime por mãos tão mágicas quanto os feixes de luz que nos davam bom-dia pela porta.

Certa manhã, uns dois anos após Tia Suzana me abandonar, as coisas mudaram. Chuviscava no toldo da Sonho & Construção e a luz do sol sequer passava através do vidro. Eram oito da manhã de uma quinta-feira, e a placa de FECHADO ainda estava pendurada na porta. Estavam atrasados para abrir a loja. Mesmo assim, João Gustavo sequer se movimentava para deixar sua mesa. Passados mais dez minutos, ele me assustou com um grito:

— Ele vai vir! Todos a postos!

Seu berro foi recebido por “obas” e exclamações de seus subordinados (ainda que alguns parecessem fingidos).

Todos se juntaram, conversaram por cerca de dez minutos e entraram em um frenesi. Banharam panos em detergente, torceram, limpavam cada grão de poeira do chão, das camas, armários, cristaleiras, guarda-roupas e mesas, esfregando até mesmo os cantos inacessíveis da loja. Quando chegou a minha vez, me fizeram cócegas com um espanador, enceraram todo o meu corpo e enxaguaram meu assento com óleo de peroba e água. Até mesmo conseguiram remover o retângulo do meu estofado de veludo. No fim, me senti menos seca e quebradiça, um pouco mais como Anatólia pretendia que eu fosse.

E agora? Talvez João Gustavo e seus subordinados tivessem descoberto sobre Anatólia e decidiram ir atrás de quem me amaria, a Escolhida, a pessoa ideal no mundo inteiro para quem uma cadeira refinada como eu seria concedida. Uma marinheira, talvez? Uma pescadora? Todo aquele espetáculo de limpeza tinha de ser uma festa de boas-vindas.

A pessoa que entrou na Sonho & Construção não tinha nada a ver com o que eu imaginara da frase enigmática de Anatólia. Era um homem com um cavanhaque grisalho. Vestia um suéter cinza com um blazer verde escuro, elegante e um pouco

surrado. Seu cabelo era colado na cabeça com algum tipo de gel que deixava algumas pontas para a esquerda. Fechou o guarda-chuva e cerrou os olhos para a mobília ao redor como se tivesse algo a confessar.

— Sr. Amorim, é tão bom ver o senhor aqui. — A voz de João Gustavo era mais falsa que imitação de veludo. — O senhor se importa se trouxermos um cafezinho e algumas guloseimas?

O sr. Amorim resmungou e balançou a cabeça.

— Que escolha ruim de palavras — disse ele, apontando para a porta. — Aquele adesivo diz Queima de Estoque. Podiam pensar num termo melhor.

João Gustavo estremeceu e estalou os dedos. Gotículas brilhantes de suor brilharam em sua testa.

— Então o senhor acha que nossos preços não são bons? Podemos...

O sr. Amorim fez um gesto com a mão.

— Nada... É só que vocês estão associando mobília com fogo. É um mau agouro, eu acho.

João Gustavo assentiu, seus ombros caindo, provavelmente aliviado por ser apenas um detalhe. Nada a ver com seus números.

— Podemos lhe mostrar o que temos de melhor. — Fez um gesto completamente falso de boas-vindas, abrindo as mãos e estendendo os braços para exibir os produtos da Sonho & Construção (que já estavam visíveis, obviamente). — O senhor é um homem inteligente, então talvez aquela estante de livros possa...

O sr. Amorim levantou uma mão. Parecia saber exatamente como continuar no controle da situação.

— Quero renovar a casa pra Joana.

— Ela vai voltar? — João Gustavo sorriu.

— Sim, depois de seis anos no exterior. Bom... Eu tenho uma lista aqui. — Ele puxou um pedaço de papel amarelado do bolso e entregou a João, cujos olhos cintilavam conforme lia os itens.

João acenou para seus subordinados e eles começaram a ziguezaguear pela loja, digitando, trocando sorrisos e prendendo plaquinhas de VENDIDO em algumas companheiras.

Enquanto isso, o sr. Amorim vagou pela loja com seu jeitinho curioso, deslizando dedos sobre minhas colegas e cutucando portas de vidro sem abri-las. Quando se aproximou de mim, a primeira coisa que fez não foi apertar meu assento

aveludado como a maioria das pessoas fazia. Sorriu para minhas conchas de marisco e pressionou dois dedos nos cavalos-marinhos em meu encosto. Seu dedão era rugoso, cheio de fiapos invisíveis do blazer, as unhas bastante aparadas. Senti um leve aroma antiquado de cedro e guariúba, o que me fez recordar de Anatólia.

— Hmm... — foi tudo que o homem disse.

De repente, suas costas fizeram sombra e se agigantaram sobre mim. Cerrei todas as minhas farpas. Um comichão percorreu meu veludo.

Sentou-se em mim. Eu rangi (de forma ligeira e educada, claro).

— Sr. João, por favor, venha aqui. — O sr. Amorim levantou uma mão, sua voz vibrando pela minha madeira. — Vou levar esta também. E tenho um pedido especial relacionado aos móveis que estou comprando. Vocês têm um carpinteiro que trabalha aqui?

E foi assim que os anos sombrios terminaram, da mesma forma que começaram, na traseira escura de um caminhão.

3

Fui promovida a líder assim que me colocaram na sala de estar dos Amorim. De uma serraria para o canto escuro de uma loja até finalmente chegar na cabeceira de minha própria mesa. Fiquei ligeiramente orgulhosa, admito. Liderava um conjunto de cinco cadeiras de mogno, todas adquiridas na Sonho & Construção e personalizadas de acordo com o pedido do sr. Amorim: frutas e pomares foram talhados nos encostos das cadeiras e nas bordas da mesa. Longe da perfeição das minhas conchas de marisco e de meus cavalos-marinhos, óbvio. As mãos da equipe de João Gustavo eram mais adaptadas para números que carpintaria. (As cadeiras tinham seu charme, admito, só não tanto quanto o meu.)

A temática de frutas parecia agradar aos Amorim. A sala de estar continha uma coleção de dez pinturas a óleo representando pomares e cestos de fruta, árvores e plantações, mulheres e homens trabalhando no campo. Todos os quadros ficavam pendurados em meio ao restante da mobília encostada nas paredes: uma cristaleira, uma estante de livros, um relógio inglês de pêndulo e um sofá coberto com uma capa. À direita da entrada principal, a sala de estar se abria para um espaço com um rack de televisão, mas ele já estava além do meu campo de visão, então eu só o enxergava quando me moviam pela casa.

Acho pertinente adicionar uma observação: havia uma janela, logo atrás de onde eu ficava, com maquiagem de madeira — verniz — cuidadosamente aplicada em seu batente para ocultar sua verdadeira idade. Toda manhã, logo antes de o relógio badalar sete horas, o sr. Amorim acordava e seus chinelos faziam a escada ranger. Puxava as cortinas e abria a janela, deixando o sopro do gramado do quintal invadir a casa. Entrava também a luz do sol. Os raios graciosos que corriam daquela grande bolota no céu finalmente passaram a encostar em mim, dia após dia, das sete às dez, agitando e aquecendo as rebarbas de meu carvalho.

Logo descobri que apenas dois Amorim moravam no casarão. Eduardo Amorim, que você já deve conhecer como sr. Amorim, e Leandro Amorim, um rapaz de quinze anos que parecia ser parte de um sistema que consistia em um fone de ouvido e uma camisa acinzentada do Metallica. Leandro era neto do sr. Amorim, e seus pais haviam falecido quando Leandro era um bebê. Joana Amorim era a irmã de Leandro e a pessoa que o sr. Amorim mencionara na Sonho & Construção, a quem aqueles móveis pretendiam agradar. Ela não morava com os dois, mas pretendia passar dois meses no casarão após um ano morando no exterior. Seria ela a pessoa a me amar? O pensamento arranhou meu carvalho conforme o primeiro dia no lar dos Amorim se converteu em um azul escurecido e as pinturas na parede em meros quadros negros.

Certa manhã (na verdade uma bem específica que nunca saiu de minha memória), sete dias após eu chegar na casa, a voz firme do sr. Amorim me despertou do meu torpor de carvalho.

— Ajude sua irmã, Leandro. — Sua voz vibrava pela minha madeira. O sr. Amorim estava próximo a porta. — Ela está cansada da viagem.

— Tô indo, tô indo. — Leandro revirou os olhos, disparando escada abaixo. — Também tô cansado, tá? Não são nem dez horas.

O sr. Amorim deu uma olhadela ansiosa pelo postigo enquanto girava a chave na maçaneta. Um sorriso hesitante preencheu seu rosto.

— Ela chegou antes — murmurou para si. — Devia ter pensado em uma roupa melhor. — Ele vestia um casaco preto e as mesmas calças de linho que usara quando me adquiriu. Eu achava uma escolha bastante garbosa, mas como uma cadeira nua poderia opinar?

O sr. Amorim saiu, Leandro logo atrás.

(E aqui devo fazer uma pausa para explicar um detalhe sobre mãos mágicas. Seria maravilhoso se elas também dessem a benção das pernas às mobílias. Eu as usaria

naquele momento para seguir a dupla até o lado de fora e ver a chegada de Joana, a mulher que podia ou não me amar. Mas, não. Eu não tinha como me mover, mesmo tendo a mesma quantidade de pernas de um cachorro.)

Fui capaz de ouvir a voz do sr. Amorim do lado de fora. Naquele instante, descobri o que significava a felicidade. Era aquele tom meio entusiasmado, um pouco mais agudo que o normal, mesmo que abafado e indistinguível em meio ao motor do carro. Era o arranjo diferente das covinhas ao lado das bochechas do sr. Amorim quando ele retornou carregando uma mala azul cheia de adesivos. Era o jeito que ele a colocou no chão, rápido, mas cuidadoso, apenas para poder olhar novamente para o lado de fora.

Leandro entrou em seguida, carregando uma mochila abarrotada.

Depois veio Joana, com grandes olheiras e a boca curvada para baixo, o cabelo negro preso em um coque. Cheirava a assentos de couro. Era diferente dos outros Amorim. Na casa dos trinta e pouco, Joana não possuía o olhar analítico e sofisticado do avô. Era o tipo de criatura de osso que parecia ter deixado bastante coisa para trás. Até mais que o próprio sr. Amorim, apesar da idade. A questão que permanecia no ar era se ela deixara uma parte dela em algum lugar ou em algum momento.

Na hora que Joana fechou a porta, aguardei seus olhos brilharem com a percepção do que seu avô fizera: a personalização da mobília, as maçãs e laranjas — interessantes apesar de imperfeitas — esculpidas nos encostos das minhas colegas, a suavidade da mesa de mogno onde o sr. Amorim colocara dois candelabros dourados e Leandro deixara um CD chamado Master of Puppets. E eu, claro, diante da janela, escondida por causa da mesa, mas exibindo cavalos-marinhos e peixes saltando de um lago imaginário, os detalhes nos olhos dos animais entalhados com a mais profunda inspiração. Pude ver nos olhos do sr. Amorim que ele tinha as mesmas expectativas.

Joana observou a sala.

— Sua casa tá... — Ela franziu o rosto. — Tá cheirando que nem árvore.

Meu assento se estufou alguns micrômetros. Árvores? Sério? Então vocês cheiram a carne!

— Vamos levar suas coisas lá pra cima — disse o sr. Amorim, os lábios estremecendo. — Seu quarto está do jeito que deixou.

— Eu vou ficar por dois meses, Eduardo. — Na época, eu não sabia dizer se sua rispidez era cansaço da longa viagem ou se era seu jeito. — Estou aqui só para saber se você e Leandro estão bem.

Joana pegou a mochila, despenteou o cabelo de Leandro e subiu as escadas. O sr. Amorim esfregou as mãos e olhou para cima, palavras não ditas se ensaiando em seus lábios. Até mesmo Leandro desviou os olhos do smartphone e pausou o que quer que estivesse brocando em seus ouvidos. Durante os anos seguintes, eu conheceria e acomodaria os traseiros de muitos dos convidados dos Amorim. A prima Morena; Jorge, o irmão de Eduardo; as namoradas de Leandro, depois os namorados; duas namoradas do sr. Amorim; Jacir, o carteiro de rabo de cavalo; e até alguns cachorros felizardos, balançando seus rabinhos. Nenhum desses seres teve uma recepção tão calorosa quanto a que os Amorim deram para Joana, e nenhum deles jamais respondeu de maneira tão apática.

Joana sequer deu uma espiada em minhas curvas!

Os dias passaram, como é do feitio deles. Eu podia dizer que a residência dos Amorim foi a minha primeira. A serraria não podia ser chamada de lar porque eu estava apenas sendo montada. Muito menos o canto sombreado e empoeirado da Sonho & Construção. Mas com os Amorim era diferente. Meus arredores ganharam vida.

O sr. Amorim — creio que possa chamá-lo de Eduardo a esta altura — preparava café da manhã todo dia para seus netos (e algumas vezes para mim, quando Leandro deixava cair uma torrada com manteiga em meu assento — e você provavelmente sabe a respeito das regras que regem torradas com manteiga). O café consistia em pão, manteiga, queijo prato, bolo de cenoura, pudim de doce de leite, suco de laranja e iogurte de abacaxi, o último especialmente para Joana. Mas ela não se importava com todo o esforço que Eduardo despendia para agradá-la, os minutos que passava perscrutando a gaveta da cristaleira, procurando uma toalha bonita, o alarme que colocava na geladeira para servir o iogurte na temperatura ideal, aquelas covinhas e aqueles olhos cintilantes formando insinuações de sorriso.

Nos dias de semana, um ônibus escolar buscava Leandro logo após o café da manhã. O rapaz estava no Ensino Médio, no estágio em que adolescentes absorviam tudo ao redor e canalizavam em empolgação, frustração e acne. E era nos enormes intervalos entre Leandro sair e voltar da escola que Eduardo tentava penetrar a barreira misteriosa de Joana.

— Eu não sei o título da sua tese — disse Eduardo, três dias após a chegada de Joana. Estavam sentados de frente um para o outro na mesa. (Eduardo jamais se sentava em mim e, normalmente, deixava os netos me escolherem se assim quisessem. Mesmo sozinho, poupava o meu assento de seu traseiro.) — Eu sei que tem a ver com peixe.

Ah! Aquele podia ser o motivo pelo qual fui escolhida.

— Peixes... — Joana curvou os lábios. — Está simplificando demais.

Eduardo deu de ombros.

— Você não telefonava muito quando estava lá.

— É sobre os padrões dos peixes de água salgada da Península Ibérica.

— Parece interessante. — Eduardo genuinamente queria saber mais. Dava para ver na forma como se curvava na mesa, os olhos brilhando. Era como se tivesse acabado de descobrir que tinha uma neta. — Eu nem sabia que eles tinham padrões.

— Tudo tem um padrão. — Os olhos de Joana nunca encontravam os dele. — Na natureza.

— E Portugal? É bom lá?

Joana simplesmente assentiu.

— Essa nova mobília... — Olhou em volta, um fiapo de escárnio no gesto. — Pra que isso?

É pra você, então faça o favor de ficar feliz, eu queria dizer. Olhe meus cavalos-marinhos e essas bolhinhas estourando ao redor deles, e os peixinhos entrelaçados com elas.

— Eu sei que você gosta de carpintaria. — Eduardo olhou pela sala. Suas mãos tremiam de leve. — Eu queria revitalizar a casa, sabe? Renovar. Checar a fiação também, e ver se os extintores estão funcionando bem. Acho que o que tem na despensa pode estar perto de expirar e...

— Então você simplesmente entrou na Sonho & Construção e comprou isso tudo? — Joana cerrou os dentes num semissorriso enquanto encarava o avô. — E essas frutas?

Eduardo olhou para as próprias mãos e sorriu. Não para ela, mas para si.

— Lembra como você desenhava frutas quando era molequinha? — disse, sem encará-la. Boa escolha. Ela não merecia um olhar que fosse. — Você as desenhava, coloria, e depois rabiscava o nome de cada uma. Você até inventava as suas. E depois ensinei você a esculpir uma maçã em uma tábuia. Claro que eu não deixava você tocar no serrote e no martelo, mas você ficava tão feliz...

— Eu era criança — disse ela, como se para provar um ponto. — Achei tudo isso muito bonito, mas não precisava gastar seu dinheiro. Eu não vou ficar.

Eduardo não se moveu. Nem mesmo assentiu. Era claro que ele sabia que ela não ficaria. Tinha sua casa em algum lugar a quilômetros dali, tinha um pós-doutorado

em Biologia e uma vida completamente separada. Mas Eduardo sentiu. E a conversa morreu da mesma forma que começou, sem que Eduardo soubesse o nome da tese de Joana.

Quando Joana decidia sair de manhã cedo ou ficar até mais tarde no quarto — o que significava que a geladeira apitava em vão —, Eduardo esfregava toda a mobília com um paninho levemente umedecido, se dedicando até mesmo aos cantos e pontas mais difíceis com escovinhas e cotonetes. Limpava o vidro da cristaleira, espanava os livros da estante e toda a superfície da mesa e os assentos das cadeiras. Mas tinha um cuidado especial comigo (como eu merecia, claro). Borrifava soluções com cheiro de vinagre no meu estofado e o esfregava com movimentos circulares bem precisos. Depois, utilizava cotonetes exageradamente finos e até agulhas para remover sujeiras das mínimas reentrâncias nas minhas conchas de marisco, cavalos-marinhos e flores-de-lótus, sem nunca esquecer de aplicar produtos específicos nas minhas pernas, braços e encosto. Eu me sentia grandiosa. (E devo reiterar: Eduardo limpava a mobília todo dia, ritualisticamente, mesmo que tivesse que ser feito após a meia-noite.)

No mesmo dia em que Joana chegou, Eduardo dissera que prepararia um jantar de boas-vindas para ela. Mas ela avisara que sairia para comer. A mesma coisa aconteceu durante os cinco dias seguintes. Apenas em seu primeiro sábado na casa, Joana decidiu ficar e aceitar a oferta. Foi então que tive o meu primeiro jantar como líder de uma mesa de mogno com cinco cadeiras temáticas com pomares e frutas. Podia jurar que as farpas microscópicas nas minhas pernas se eriçaram.

Ficou marcado para sete da noite no sábado. As horas se arrastavam, e eu ansiava pelo momento. Eduardo saiu cedo para o supermercado com Leandro. Após voltarem para abastecer a despensa, Eduardo realizou seu ritual de limpeza. Foi um pouco mais apressado que o normal, mas era esperado. Aquela noite seria sua. Quando conseguiu sair da cozinha por alguns minutos, caminhou pela sala, ajeitou os quadros na parede, pegou uma toalha, arrumou os candelabros em posições ligeiramente diferentes e suspirou com ambas as mãos na mesa e os olhos cerrados.

Finalmente, o relógio badalou sete vezes.

À primeira vista, Eduardo parecia um homem de tradições, chegando na Sonho & Construção todo elegante e seletivo, provocando tremedeiras na equipe de João Gustavo. Mas se ele as tinha, provavelmente abandonou algumas durante sua vida. Mobília que nem eu nascia com um certo senso do que esperar do mundo. E uma coisa que eu esperava era que o principal provedor de um lar se sentasse à cabeceira de sua

própria mesa. Mas Eduardo não o fez. Claro que nunca se sentava em mim, mas sequer me trocou de lugar com uma das cadeiras menos elegantes. Muito menos se sentou na cabeceira oposta. Foi Leandro que me escolheu, que estava surpreendentemente — ou forçadamente — sem seus fones, usando uma camisa social quase em sintonia com o Leandro de dez anos depois que eu viria a conhecer.

— Seja cuidadoso com essa cadeira — disse Eduardo, apontando um dedo para Leandro. Foi a primeira frase do jantar. Puxa vida! Como eu estava feliz!

Eduardo acendeu as velas dos candelabros pela primeira vez, e elas emanaram um brilho dourado sobre a sala. Então, cada um se sentou. Leandro em mim, Eduardo e Joana de frente um para o outro mais uma vez. Eduardo serviu a comida que ele mesmo preparara: salmão grelhado, broto de feijão, talharim e cenouras cozidas com alho e queijo parmesão. Para beber, vinho argentino (já que Joana provavelmente estaria farta dos portugueses) para ele e Joana, suco de laranja para Leandro. Daquele momento em diante, a mistura de aromas remoinhando pela sala de estar se transformou no que passei a considerar o odor oficial dos reencontros: comida deliciosa, cera derretendo lentamente, a essência já não tão sobressalente de madeira nova... Nós, cadeiras, somos criaturas estáticas, mas minhas partículas elementares sacolejaram em um rebuliço dentro de mim.

— Por favor, sirvam-se. — Eduardo abriu um largo sorriso. — Vocês dois amam salmão, então foi o que preparei hoje. Só não posso garantir que o gosto esteja bom. E... Joana?

Joana olhou para ele, brilhos desconfiados nos olhos. (E aqui você deve estar se perguntando como eu via tudo isso com um roqueiro de quinze anos sentado em mim. Bom, eu posso revelar que cadeiras enxergam por todas as partes de sua estrutura. Fica a dica.)

— Bem-vinda de volta — disse Eduardo, cutucando Leandro.

— Bem-vinda, maninha.

Leandro e Joana eram como velhos amigos que haviam se reencontrado, mas que não possuíam mais semelhanças entre si. Mesmo assim, ela oferecia mais sorrisos a ele que ao avô. Como fez agora, virando a cabeça e mostrando os dentes para ele. Era educada o bastante para esperar o avô se servir, mas Eduardo era educado o bastante para servir os netos primeiro. Suas mãos tremiam, mas o sorriso não derretia.

— Leandro tá curioso com Portugal — disse Eduardo após servi-los, dobrando um guardanapo no colo. — Ele viu um documentário sobre o Castelo de São Jorge algumas semanas antes de você chegar.

Leandro assentiu.

— Muitos povos usaram o castelo ao longo da história.

Joana imitou o avô e colocou um guardanapo no colo. A luz das velas realçaram algumas rugas no rosto dela que eu não vira antes.

— Fenícios, visigodos, romanos, mouros e mais — disse ela. — Estive lá duas vezes e as vistas são deslumbrantes.

— Gregos, cartagineses, suevos e até tribos celtas — disse Leandro, aparentemente empolgado com o assunto. — Eu lembro dos nomes, mas não tenho ideia de quem foram os suevos, por exemplo.

Todos riram. Eu fui construída com um conceito místico entalhado na minha madeira: o de uma família feliz. Era algo que eu estava fadada a presenciar algumas vezes em minha existência. Talvez fosse algum tipo de poder intrínseco que herdara das mãos mágicas de Anatólia. Aqueles doze segundos de conversa dos Amorim eram a prova de que o conceito não era um mito. Mesmo assim, aqueles momentos não duravam muito. Eram como lapsos de amor e amizade e risada alegre, onde tudo era perfeito e nada no universo podia interferir. E talvez fosse verdade para todas as famílias, não apenas para os Amorim.

— Está preservado? — perguntou Eduardo.

— É de pedra em sua maior parte — disse Joana, os olhos voltando para o prato. — Não madeira.

— Minha pergunta permanece. — A voz de Eduardo ficou enrouquecida. O lapso da família feliz cessara. Era a primeira vez que notava Eduardo usando um tom insatisfeito com Joana. Mas não durou. Seus olhos estavam brilhando e encarando a neta no segundo seguinte. — Tenho curiosidade com essas coisas. Você talvez não recorde, mas tenho uma especialização em preservação.

— Preservação de madeira e mobília — disse ela, cortando um pedaço do peixe no prato. — O castelo não tem muita mobília hoje em dia. Tem bastante espaço aberto, na verdade.

— Por que isso seria relevante? — Leandro deu de ombros.

O silêncio correu pela sala, interrompido apenas pelo vento que cutucava a janela, como se esperando que todos mastigassem a pergunta de Leandro. Joana tinha um jeitinho próprio de constranger Eduardo.

— Estava pensando... — Eduardo pigarreou e bebericou o vinho. — A gente podia visitar o Castelo de Itatiaia semana que vem. É o mais perto de um castelo que temos por aqui. Eles estão com uma coleção linda de armários antigos.

— Estou indo embora na segunda-feira — disse Joana.

A taça caiu da mão de Eduardo e balançou sobre a mesa, quase se espatifando no chão. Gotas de vinho mancharam a toalha de linho, algumas espirrando em minhas pernas. Tinha gosto de vinagre.

Eduardo pegou o guardanapo e limpou as mãos. Leandro olhou para os dois.

— Você disse dois meses — disse Eduardo. — Por que tão cedo?

— Você tem tudo que ama aqui — disse Joana. — Não precisa da gente. — Olhou para Leandro.

— Como assim? — Leandro franziu o cenho.

— Não aguento ficar — disse ela, encarando Eduardo com uma certa raiva. — Voltei de Portugal pra te dar uma segunda chance. Mas não consigo.

— Ei, o que vocês tão fazendo? — Leandro cruzou os braços. — Eu que não quero envelhecer e ficar doido que nem vocês dois.

Os dois permaneceram quietos. Apenas se encararam em um embate invisível. Se alguém venceu, eu nunca soube, mas Joana se levantou, o salmão quase intocado no prato, e subiu as escadas.

Era o fim do jantar. Antes de o sol nascer no dia seguinte, Joana partiu. Moscas se refestelaram no salmão e na cenoura até que Eduardo reunisse coragem para limpar a mesa ao meio-dia. Seus olhos estavam marejados, suas mãos trêmulas. A única coisa que fez naquele dia, além de limpar a mesa, foi me espanar e tentar remover as manchas de vinho das minhas pernas.

4

— Tem um incêndio no Bosque Verde. — Leandro entrou na casa, tirou o casaco e pendurou em um gancho na parede. — Parece que foram folhas secas.

Eduardo estremeceu, as unhas raspando na bengala. Estava sentado em uma poltrona que colocara no lugar onde o relógio de pêndulo dera suas últimas badaladas cinco anos antes.

— Vai chegar aqui?

O Bosque Verde era em uma colina a alguns minutos do casarão dos Amorim. Não dava para vê-la dali, mas o odor de cinzas se impregnava no ar como os resquícios de uma fogueira. Eduardo acordara naquela manhã sentindo o cheiro e gritara, chamando Leandro, pedindo que verificasse de onde vinha o mais rápido possível. Leandro obedecera. Estava sempre lá pelo avô, ainda que algumas vezes o velho Eduardo parecesse não notar. Na minha opinião, ele sentia mais falta de Joana do que a neta merecia.

— Vô, nem um furacão sopraria esse fogo até aqui. — Leandro acariciou os fios ralos na cabeça de Eduardo. — Os bombeiros já estão lá e nem vai espalhar muito. Relaxa.

Eduardo assentiu, mas seus olhos continuaram atentos e fixos nas janelas. Ficou assim durante todo o dia, por vezes observando o lado de fora da casa, outras vezes cochilando, e algumas murmurando sozinho sobre incêndios. Leandro saiu para a faculdade. Apenas quando voltou, mais tarde, e contou para Eduardo que o fogo fora apagado, foi que o velho foi capaz de descansar a cabeça, aliviado, na poltrona.

Naquela época, Leandro não era estava mais acorrentado ao fone de ouvido. Era um bom rapaz de vinte e cinco anos com cabelos ondulados que caíam sobre os ombros. Sua obsessão com Metallica se transformara na tatuagem de uma Thêmis esfarrapada no braço direito, ironicamente compatível com sua graduação em Direito.

— Você ainda fala com a sua irmã? — Eduardo perguntou quando Leandro serviu um pouco de macarrão naquela noite, o sutil odor das cinzas ainda se apegando ao ar. Era uma pergunta recorrente.

— Ela nunca responde. — Leandro sempre mentia. Se Eduardo soubesse ler olhos da mesma forma que mobílias sabiam, enxergaria a hesitação de Leandro. Mas Eduardo apenas balbuciava em concordância.

Leandro passou ao redor da mesa e se sentou em mim. Era sempre ele que me escolhia e, algumas vezes, mesmo após dez anos, ainda deixava escapar elogios ao meu assento confortável ou aos meus braços e encosto habilidosamente projetados. Não ligava muito para as minhas temáticas aquáticas, no entanto. Elas já estavam um pouco maltratadas e não tão impressionantes, de qualquer forma. Eduardo ensinara Leandro a cuidar adequadamente de mim, mas as mãos de Leandro nunca foram tão boas quanto as de Eduardo, nunca tão precisas. E o velho não era mais capaz de ajoelhar para escovar sujeira de uma cadeira igualmente encarquilhada. Certos dias, as trevas se

alongavam e nem um pedacinho de luz do sol recaía sobre meu corpo. Lembrava um pouco os dias solitários na Sonho & Construção, aguardando para ser adotada. Em retrospecto, eu recordava daqueles tempos com uma leve sensação de nostalgia, mesmo sabendo que a minha vida era muito mais significativa com os Amorim. No fim das contas, tudo que eu queria era afastar o pensamento de que Eduardo Amorim não seria tão longo como o carvalho. Um dia, ele também seria um pacote comprido empurrado para um caminhão branco.

Eduardo andava depressivo e sozinho, já que Leandro precisava passar bastante tempo na faculdade. Algumas vezes, Jeff, o namorado de Leandro, vinha visitar Eduardo, e ele aproveitava para falar de carpintaria, como desenvolvera técnicas inovadoras para limpeza de vidros, e como levava sua empresa fadada ao fracasso em direção a tempos gloriosos. Jeff escutava, tão paciente quanto Leandro, preparando comida para ele e, algumas vezes, até mesmo me limpando (de forma ainda mais relaxada que Leandro). Mas Jeff não estava sempre disponível, e nos raros momentos em que eu ficava sozinha com Eduardo na casa, a madeira crepitava suas mensagens sutis. Da minha posição pouco privilegiada em relação ao restante da casa, eu não tinha como saber exatamente o que transcorria no andar de cima ou nos reinos cheirosos da cozinha. Mas a madeira falava. Carregava crepitações e vozes e, algumas vezes, eu as sentia trepidando pelas minhas pernas, trazendo o choramingo de Eduardo da privacidade de seu quarto. Os resmungos sobre o que ele pretendia fazer naquele dia, opiniões sobre o tempo e como a vida poderia ter sido diferente se não fosse por seus erros.

Nunca dei muita bola para o que Joana falara sobre dar a Eduardo uma segunda chance. Não queria entendê-la, só queria esquecê-la, como se, ao fazer isso, Eduardo fosse abandoná-la nos cantos de sua mente como uma mobília negligenciada e inacabada. Mas não era verdade. O olhar de Eduardo se esvaziava de tempos em tempos, e algumas vezes o nome de Joana sussurrava pelas minhas pernas, trazido pela madeira. Era assim que eu sabia que Eduardo estava mergulhando em uma espiral de pensamentos.

Certo dia, Eduardo saiu para uma caminhada. Fazia isso de vez em quando, incentivado por Leandro, que insistia que o avô precisava continuar saudável. Naquele dia, Leandro trouxe Jeff para casa, e ambos sentaram um de frente para o outro na mesa, exatamente como Eduardo e Joana dez anos antes.

— Minha irmã é muito secreta — disse Leandro. — Ela me contou algo um dia desses no telefone.

— Isso tá chateando você — disse Jeff, segurando as mãos do namorado.

Leandro assentiu.

— Ela disse que eu deveria parar de me importar tanto com Eduardo... E ela chama ele assim, nunca de vô ou avô... Ela disse que ele não era um homem bom. Quando eu perguntei o motivo, ela não quis falar. Eu falei que se ela não ia me contar, então era melhor ter ficado em silêncio. Depois ela desligou.

— Você tem ideia do que ela quis dizer com isso?

— Nenhuma. Tudo que sei é que há alguma coisa no nosso passado, algo que tem a ver com os meus pais. Mas eu nunca soube de nada, e nunca insisti porque eu sei como isso incomoda o vovô.

— Incomoda você também. Você nunca me fala sobre o seu passado.

— Houve um incêndio. Meus pais morreram. Eu era um bebê na época e não lembro de nada. O vô trouxe eu e minha irmã para cá e nos criou. É tudo que sei e não tenho certeza se quero saber mais.

— E Joana...

— Ela culpa o vô por alguma coisa, só não sei o quê.

Um dia, no entanto, cheguei perto de saber o motivo. De todas as pessoas, uma cadeira. Mas a vida interveio, como sempre, e as coisas nunca mais seriam as mesmas para os Amorim. (E para mim.)

A escada crepitou com os chinelos e a bengala de Eduardo, que parou de frente para mim com sua sombra se alongando pela sala. Suas olheiras estavam mais enegrecidas e seus lábios rachados. Estivera chorando.

— Não há muitos como você — disse ele, passando um dedo sobre os cavalos-marinhos no meu encosto. Primeiro, pensei que falava sobre os animais, mas continuou fazendo isso, dedos indo e vindo em padrões indecisos. Depois, Eduardo parou e olhou para as palmas da mão. — Não há muitos como a gente.

Minha madeira estalou dentro de mim conforme eu compreendia suas palavras. Eduardo não estava apenas ciente de minha consciência, mas também possuía as mesmas mãos de Anatolia, capazes de outorgar existência em trabalhos de madeira.

— Eu tinha um que nem você — ele me contou, me virando para ele como se a frente do meu encosto fosse meu rosto. — Um banquinho de madeira de cedro. Não escolhi dar vida a ele. Mas aconteceu, então eu tinha que cuidar dele da mesma forma

que cuidava de plantas. — Balançou a cabeça. — Não, não como plantas. Nem mesmo cachorros. Eu o tratava como um filho. Acabou com a minha vida... Não foi intenção dele, claro que não. Mas acabou... Bom...

Lágrimas desciam por suas bochechas, passando por suas rugas e pairando em sua barba branca.

— Acho que fui eu que arruinei minha vida. — Ele riu. — Quem sou eu para culpar um banquinho? Foi...

Leandro entrou com Jeff. O olhar de Jeff saltou de Leandro para Eduardo. Se eu pudesse, pediria que saíssem. Precisava escutar o restante da história.

— Você tá bem, vô? — disse Leandro, colocando uma mão no ombro do avô. — Tá chorando.

Eduardo sorriu.

— Só estava recitando umas rimas românticas que lembrei. Fiquei todo meloso.

Leandro e Jeff trocaram olhares desconfortáveis.

— Tenho algo para falar. — Leandro puxou uma das minhas camaradas com temáticas de pomar e se sentou, esfregando as mãos e mordiscando os lábios.

— Vocês vão se casar — disse Eduardo, apoiando o cotovelo em mim. Era a novidade que eu queria escutar, algo que faria o sr. Amorim esquecer sua família partida pelo menos por um tempo. Mas Eduardo tremia. Ambos podíamos ler os olhos de Leandro muito bem. Aprendemos muito ao longo dos anos. Leandro tinha alguma coisa a dizer e não era um assunto agradável.

Leandro balançou a cabeça e olhou para Jeff como se solicitando coragem. Jeff assentiu, mesmo que hesitante.

— Joana foi para Portugal — disse Leandro. — Dessa vez ela não vai voltar.

Eduardo se sentou em mim.

5

A luz do sol que eu tanto amava quando era envernizada e cheirosa acabou não sendo tão amigável a longo prazo. Vinte anos após ansiar tanto pelos feixes luminosos que cortavam as tábuas da parede da serraria, a minha madeira escureceu, secou e rachou nas bordas. O verniz brilhante que eu pensava que duraria até o fim dos tempos se tornara um mero acabamento áspero e manchado. Mas o sol não era o único culpado. Meus cavalos-marinheiros ficaram com cabeças um pouco mais achatadas e os detalhes de seus contornos acumularam pó e sujeira. As flores-de-lótus nas minhas pernas estavam

irreconhecíveis, apenas protuberâncias na madeira, resultado de anos esbarrando na mesa e em outras cadeiras. Meu estofado definhara de rubro para um violeta acinzentado, mas permanecia praticamente intacto, com exceção de um pequeno corte na lateral. Já me imaginava muito mais parecida com Anatolia em seus últimos dias.

E, falando de minha carpinteira, eu desvendara sua frase misteriosa.

Leandro e Jeff decidiram alugar um apartamento nas proximidades, então podiam passar mais tempo com Eduardo, o encorajando a manter uma rotina saudável. Raros eram os momentos de risada e alegria na residência dos Amorim, mas ainda havia algo fluindo pela casa. O que quer que fosse, eu decidi chamar de amor. Podia estar completamente errada — era uma cadeira, afinal —, mas foi aquela sensação que respondeu minhas dúvidas quanto à frase de Anatolia. Quem seria aquela que me amaria? Não importava desde que eu estivesse lá com os Amorim, estática, parcialmente oculta pela mesa. E o amor — ou o que quer que aquilo fosse — fluía de Leandro para Jeff, de Jeff para seu sogro-avô, e de Eduardo para mim, vibrando como vozes na madeira.

Eu e Eduardo passamos a compartilhar um elo especial, o de uma velha criatura de osso com uma mobília de carvalho acabada. Algumas vezes, ele me olhava de formas que só eu compreendia. Outras vezes, sorria ou sussurrava, e quando ficávamos sozinhos ele me contava sobre a época que os pais de Leandro e Joana estavam vivos e decidiram plantar árvores no quintal. Ou daquela outra vez em que Joana tentou contar os peixes que nadavam em um riacho a menos de um quilômetro da casa. Era o chefe de uma família partida, um homem cujos ombros carregavam os pesos da culpa. Mas sabia muito bem como amar e ser amado.

Nunca ouvi da boca de Eduardo a história completa sobre o banquinho. Após saber que Joana estava partindo, ele se afogou em um mau humor de culpa que durou certo tempo. Seus hábitos mudaram, sua voz migrou dos tons contidos e educados, repleto de análise e autocontrole, para os tons roucos e entristecidos de um vencido. O tempo melhorou seu temperamento, mas algo se perdera no caminho. Era como se Joana tivesse falecido. De certa forma, foi o que aconteceu. Na década seguinte, ela nunca mais ligou para Eduardo, mas a fofoca que reverberava pela madeira me dizia que Eduardo procurava números de telefone e catava sobre o paradeiro da neta na internet. Nunca encontrara nada.

Até um dia.

Eduardo estava na cozinha contra a vontade de Leandro. Seu neto pedira que não usasse o fogão ou o forno quando estivesse sozinho em casa, uma chatice cuidadosa que me fazia lembrar do filho de Anatólia. O odor de peixe — bacalhau, não salmão — flutuava pela sala, se apegando à minha madeira e ao meu estofado. Permaneceu assim por mais de uma hora. Eu me preocupei, mas como uma cadeira, o que deveria fazer além de ser uma protagonista sem agência? Fiquei parada e não fiz nada até o odor salgado de bacalhau se transformar em cheiro de fogo.

— Meu Deus! — Escutei Eduardo na cozinha. — Leandro, venha aqui! De novo não, por favor! Não, não...

Os alarmes contra incêndio que instalara nove anos antes ganharam vida.

Eduardo saiu da cozinha e parou com uma mão na mesa, as costas ligeiramente curvadas, olhos vazios. Por um instante, parecia que estava enfartando. Suas mãos estremeceram pela mesa e a sensação percorreu até meu corpo através de um dos pés da mesa, que estava encostado em mim.

— Vô! — A voz de Leandro. — Que cheiro é esse?

Àquela altura, a fumaça já se espalhava pela sala.

— Meu filho, vamos sair daqui. — Eduardo finalmente se moveu e minhas farpas relaxaram. — Pegue a cadeira.

— Do que você tá falando? — Leandro não parou. Correu para um closet no pequeno corredor que levava até a cozinha e pegou um extintor. Foi rápido e preciso. Anos atrás, Eduardo pagara um curso dos bombeiros para ele e Jeff.

— Vamos nos salvar, Leandro — Eduardo resmungou, suas mãos ainda na mesa. — Pega a cadeira. A dos cavalos-marinhos.

Na cozinha, escutei o extintor cuspidando seu químico em jatos nas chamas, o suficiente para abafar o lamento de Eduardo.

Leandro voltou vários minutos depois. Seu avô permanecia parado com uma mão na mesa, encarando a porta como se incapaz de alcançá-la.

— Perdemos o fogão — disse Leandro, borrões de cinza em seu rosto e roupa. — O que deu em você, vô? — Não estava com raiva, mas triste.

— A tese da Joana se chama “O fluxo migratório dos peixes de água salgada nas praias do sul de Portugal”. Encontrei num site.

— É mesmo? — Leandro secou o suor da testa, olhos fugindo dos do avô. Abriu todas as janelas e mandou uma mensagem de texto, provavelmente para o seguro do

casarão. Quando voltou, balançou a cabeça e pediu que Eduardo se sentasse, puxando uma cadeira para ele.

— Não estou preocupado com a Joana, vô. A casa pegou fogo. Estou preocupado com você.

Leandro se ajoelhou diante dele e pegou suas mãos.

— Eu não devia ter nascido assim... — Eduardo começou a chorar. — Com essas mãos...

Leandro franziu o cenho.

— Como assim?

— O banquinho...

— Você falou alguma coisa sobre uma cadeira há uns minutos. O que era?

O olhar de Eduardo estava longe, afastado da casa e daquele momento, mas rapidamente focou em Leandro novamente. Completamente lúcido. E Eduardo contou pela primeira vez sobre seu passado. Enquanto falava, eu conseguia sentir seu corpo se mexendo na cadeira. Não tremendo, mas liberando algo, ficando mais leve.

— Joana e você estavam seguros no quintal. Eu voltei pra dentro para salvar seus pais, mas vi o banquinho. Não parecia nada sério, não é? Talvez uma tomada que estourou, certo? Você lembra desse dia?

Leandro balançou a cabeça, sussurrando um “não”. Seus lábios estremeceram.

— Eu fui rápido. Eu me gabava de ser um sujeito rápido na época, sabia? Corri pra dentro, vi o banquinho, levei ele pro lado de fora. Dez segundos, talvez? No máximo, trinta. Seus pais estavam dormindo, então eu ainda precisaria acordá-los caso o cheiro do fogo não tivesse feito. Então me apressei mais uma vez, subi as escadas daquela casa velha e...

Eduardo ficou ereto. Minhas pernas repuxaram de leve.

— As chamas já cobriam a porta do quarto dos dois. Conseguia ouvi-los falando algo... Tentando entender o que estava acontecendo. Gritei por eles, mas as tábuas do chão começaram a afundar e me forçaram a voltar. Tive que descer as escadas. Chamei os bombeiros, mas... O fogo se espalhou rápido na casa antiga. Gritei pelos dois debaixo da janela, mas tudo que vi foram sombras conforme as chamas se espalhavam pelas cortinas.

— Por que você nunca me disse nada disso? — A voz de Leandro estava embargada, os dentes batendo uns contra os outros, mas suas mãos permaneciam firmes nas do avô.

— Os bombeiros foram bastante rápidos, mas era tarde demais. E sua irmã... Sua irmã esperou por mim com você no colo. Sentada... sentada no banco. Ela tremia. Ela... Ela chorava muito e você também. E a primeira coisa que ela disse para mim foi... Ela me perguntou por que eu trouxe um banco pro lado de fora antes de subir as escadas? Ela tinha vinte anos na época e você tinha acabado de fazer seis meses.

— E por que você fez isso? — Leandro puxou uma cadeira e se sentou encarando o avô.

— Eu dei vida a ele. Era meu dever.

Leandro apenas olhou embasbacado para o avô, suas mãos entrelaçadas e ressoando com a mesa, cadeiras e tacos do chão. E comigo. Leandro não conseguiu mais fazer perguntas. Se aquele era o motivo para Joana não gostar dele; se ele conscientemente resolveu salvar um banquinho sabendo que poderia estar sacrificando o filho e a nora; se a cadeira dos cavalos-marinheiros na sala de estar também tinha vida. Em vez disso, apenas se curvou para frente e abraçou Eduardo. Ficaram assim por um tempo, ainda ressoando com a madeira, ambos cheirando a fumaça e fogo.

Nunca fui capaz de dizer se Leandro acreditou em seu avô. Se fosse para adivinhar, diria que optou por um meio-termo. Talvez tenha ligado para Joana para confirmar a história do banquinho, talvez tenha pesquisado sobre carpinteiros abençoados sem descobrir nada. Talvez não se importasse desde que tivesse seu avô por perto.

No fim, nada disso importava. Meu tempo com os Amorim chegara ao fim.

Eduardo enfartou sete dias depois.

6

A casa foi vendida. Dessa vez, a plaquinha de VENDIDO foi colocada em um poste do lado de fora. Foi triste ver os funcionários de João Gustavo novamente. Recompraram toda a mobília, provavelmente com a intenção de recomeçar todo o ciclo da madeira. Leandro e João Gustavo não falaram muito sobre números. Assinaram um documento, e a gangue começou a mudar de lugar tudo que eu podia chamar de lar. Apenas eu fui poupada. Leandro não queria me vender, então talvez tenha acreditado um pouco nas palavras do avô.

Me mudei para o apartamento de Leandro e Jeff. Meus dias chegavam ao fim e, de certa forma, eu me via como um reflexo de Eduardo. Carvalhos sobreviviam por milênios, mas apenas se fossem nutridos pelo solo. Móveis resistiam quando

preservados e bem cuidados, mantidos sempre em um ambiente apropriado. Pensando bem, aquilo também era verdade para os sentimentos em geral.

A vida no apartamento dos dois nunca foi a mesma. O sol me iluminava durante a manhã e parte da tarde, seus raios se esgueirando pelas venezianas eletrônicas. Mas eu não me importava mais. Fui colocada para liderar uma mesa de vidro com dois conjuntos de cadeiras de plástico que sequer tinham cheiro de autênticas, mas também não queria mais ser líder. Tudo que desejava era ver como Leandro estava feliz. E Jeff. E, depois de dois anos, a menininha de quatro anos que ambos adotaram. Sara.

Foi Sara que me quebrou, devo confessar. Minhas pernas já não eram tão fortes como as mãos de Anatólia. Certo dia, uma delas simplesmente rompeu. Sara machucou os joelhos, mas era apenas o início para aqueles ossinhos. Leandro tentou me consertar, visivelmente triste, dizendo para Jeff e Sara como eu fui importante para seu vô. Como deveria ser preservada, como precisava ser reparada. Mas eu já estava além de meus dias. O singelo mofo que crescia dentro do meu estofado saberia explicar muito bem.

Eu também não queria nada mais.

Leandro e Jeff me enviaram para passar meus dois últimos meses em um container alugado no armazém da Sonho & Construção. Era escuro e úmido, e o sol entrava apenas por uma janelinha perto do teto. O que seria de mim? Não importava. Tudo que eu sabia era que minha consciência, o dom de Anatólia, começava a mirrar rapidamente. Mas posso afirmar que nunca fui tão feliz na vida. Naquele momento, bem ali na escuridão, lembrando as risadinhas de Sara, eu soube que era uma Amorim. E nós, Amorim, éramos feitos de carvalho.

FIM

O algoritmo do bem-estar

por Naomi Kritzer

■

Tradução: Jana Bianchi

Preparação: Diogo Ramos

Revisão: Jessica Trombini, Taty Guedes e Victor S. Pastore

Publicado originalmente em inglês na revista Clarkesworld (leia [AQUI](#))

■

June foi a primeira das minhas amigas a entrar nessa. Nenhuma surpresa até aí — ela já jogava Wordle semanas antes de Margo ou eu descobrirmos o jogo. Quando nos encontramos para nosso almoço semanal, ela olhava para o celular o tempo todo, e presumi que fosse algum joguinho novo. Depois, ela pousou o aparelho de lado com um sorriso e disse:

— O Abelique me mandou não pegar o telefone de novo até o final do nosso almoço.

— Quem? — perguntou Margo.

— É um aplicativo novo pra melhorar nossa vida.

— Adoro a ideia de um *aplicativo* mandando você *deixar o celular de lado com mais frequência*. Pelo seu próprio bem — falou Margo, os olhos cintilando.

— Vocês deviam experimentar! — exclamou June. — Tem trinta dias de graça pra experimentar.

— E, depois disso, você precisa pagar alguém pra te convencer a usar menos o celular?

— É mais do que isso. — June mordeu o sanduíche de atum com queijo. — Pra começar, você concorda que, de vez em quando, vai convencer outras pessoas a colocarem o celular *delas* de lado.

Margo e eu rimos, e June corou. Mas eu prestei atenção, e ela não encostou mais no telefone até a gente ir embora do restaurante.

Às vezes, depois que você ouve falar de uma determinada coisa, ela de repente começa a aparecer *em todo lugar*.

Foi assim com o Abelique. Não tinha mais como desver. Ou desouvir, na real, porque não era uma questão de estar olhando a tela do telefone da galera — eu estava ouvindo elas falarem a respeito. O Abelique tinha mandado alguém preparar caldeirada de frutos do mar para o jantar. O Abelique tinha escolhido um filme para a pessoa assistir. O Abelique tinha mandado Fulano ir para a cama às nove da noite. Foi essa última que chamou minha atenção a ponto de eu querer conferir pessoalmente. “Um aplicativo completo de estilo de vida”, era o que constava no verbete da Wikipédia. Não muito esclarecedor, né?

— Acho que é um culto — disse Margo na semana seguinte, enquanto a gente esperava uma mesa.

— Você falou a mesma coisa sobre Pokémon Go — argumentei.

— Falei, mas no caso do Pokémon Go era *zoeira* — disse ela. — Já o Abelique é mesmo uma seita. As pessoas se inscrevem nessa coisa e aí fazem o que ele manda.

— O aplicativo não tem como forçar ninguém a fazer as coisas — disse June, que entreouvava a conversa logo atrás de nós.

— Então o que ele definitivamente não forçou você a fazer ontem? — perguntou Margo. — Vai, conta aí pra gente, June.

— Noite passada ele sugeriu que eu experimentasse uma receita nova, que era uma delícia, e depois me fez assistir a um filme sobre o qual eu nunca tinha ouvido falar, que também era muito bom, e aí recebi minha ligação pra avisar da hora de ir pra cama, e...

— Você recebeu *o quê*?

— Então, ninguém vai pra cama quando um aplicativo simplesmente manda uma notificação e aí sei lá, nasce uma árvore de mentirinha. Você recebe uma ligação e depois faz uma ligação.

— Calma, precisa usar o telefone como *telefone* mesmo? Tô fora — falei.

— Você tá considerando a ideia de experimentar? — perguntou June, animada. — Devia!

— Não confio em nada que é gratuito por trinta dias — falei. — Por que eu me conheço. E vou *esquecer*.

— Você não vai esquecer no caso do Abelique porque vai receber uma ligação telefônica como lembrete. — Ela se virou para Margo. — Que tal você experimentar e escrever a respeito?

Quando não estava trabalhando com marketing para pagar os boletos, Margo vinha tentando se estabelecer como repórter freelance de tecnologia.

Ela deu um tapa na própria testa, exasperada.

— Vou desistir disso de ser repórter freelance. As pessoas querem me pagar cinquenta dólares por um lance que exige um milhão de horas de pesquisa. A gente pode falar de outra coisa? Tipo, e aquele filme que você assistiu?

E June falou sobre ele — tinha sido lançado uns dez anos antes, nenhuma de nós havia ouvido falar até então, e realmente parecia muito bom. Margo conferiu uma resenha. June deixou o celular virado para baixo, com as mãos entrelaçadas imaculadamente e um olhar julgador no rosto. *Um culto*, pensei.

Claro que foi só uma questão de tempo até meu chefe descobrir o Abelique e começar a botar pressão em mim e em todo o resto dos funcionários do escritório para usar aquela coisa.

— Não é um aplicativo de produtividade! É de bem-estar! — disse Keith, como se aquilo *melhorasse* alguma coisa (a única coisa que odeio mais do que aplicativos de produtividade são os aplicativos de bem-estar). — Ele vai te deixar mais feliz! Mais saudável! Eu criei três hábitos positivos novos desde que comecei a usar: passo fio dental todo dia, aumentei meu consumo de fibras e faço uma caminhada na hora do almoço.

— Isso é ótimo — falei, cerrando os dentes e pensando “Por favor, Keith, não me dá mais detalhes sobre seu consumo de fibras”. — Não consigo imaginar como essa coisa se relaciona ao meu trabalho, ou por que você ia querer que eu usasse algo assim, a menos que acreditasse que vai me tornar mais produtiva.

— Só *experimenta* ao longo do mês gratuito — sugeriu ele. Depois me lembrou que, na minha avaliação seis meses atrás, havia a reclamação de que eu *não era receptiva a novos processos* (na época, era *justamente* um aplicativo de produtividade que ele queria que eu usasse; alguma merda similar ao pomodoro, só que, em vez de cinco minutos de pausa, a ideia era gastar cinco minutos respondendo e-mail).

Então eu baixei o Abelique e mandei um print para o meu chefe porque já que ia me enfiar naquela porra de buraco, fazia questão que ele soubesse. E ia instalar aquela merda *durante o expediente*, porque era algo que estava fazendo *para a porcaria do meu chefe na porcaria do meu trabalho*.

E que bom que decidi instalar no expediente, porque só a configuração demorou uma hora. O aplicativo queria que eu respondesse a uma série de questionários sobre meus hábitos de sono, meu humor, o que eu comia todo dia, meus objetivos. Quando chegou nessa parte, cliquei nas caixinhas de produtividade e desenvolvimento profissional, só que aí o aplicativo simplesmente reabriu o questionário com as respostas limpas e um texto dizendo: *Embora seu empregador possa ter encorajado ou até exigido que você baixasse este aplicativo, o uso do Abelique é privado e encorajamos que você o use para seu próprio bem, e não do seu emprego. Caso ajude, podemos fornecer um relatório de utilização para ser encaminhado ao seu patrão que vai fazer com que você pareça uma obediente abelhinha operária. Por favor, considere preencher os formulários com honestidade, porque queremos que o aplicativo seja útil para você.*

Obediente abelhinha operária?

Certo, isso foi *inesperado*. Além disso, Keith definitivamente não havia recebido uma mensagem similar ao configurar o Abelique dele, ou não teria recomendado o aplicativo para todos os seus subordinados.

O que no aplicativo tinha identificado minha dissimulação? Como sabiam que Keith era um gerente? Li por cima as permissões que eu havia fornecido ao aplicativo sem pensar muito e... Certo, logo entendi como Keith podia ter despertado uma desconfiança de que era gerente. Acabei menos convencida de que aquilo era um plano maligno das grandes corporações para sugar o sangue dos trabalhadores, mas por outro lado foi só outra validação da preocupação de Margo com o Abelique ser um culto.

Hesitante, recomecei o questionário. Quais eram meus objetivos *de verdade*? Além de *não ser despedida porque, embora meu emprego seja uma merda, ficar desempregada e sem casa seria mais merda ainda*? Algumas pessoas tinham “objetivos fitness”, mas aquela opção não aparecia para mim. Nada sobre correr cinco quilômetros ou perder peso. Estava mostrando objetivos tipo “ler mais livros” e “aprender a pintar”.

Eu já tinha tido vontade de aprender a desenhar. Foi o que coloquei como resposta.

Por que meu celular tá tocando?

Me arrastei da cama para desligar o alarme, e lá estava a mensagem: *Bom dia, Linnea. Este é o aplicativo Abelique. Por favor, seja gentil com o voluntário da Abelique que está ligando.*

Era uma hora antes do horário que eu planejava acordar.

— Alô — falei, torcendo para que minha voz estivesse soando sonolenta, e não ativamente hostil.

— Oi, Linnea — disse alguém. Ela parecia um pouco nervosa. — Essa é sua ligação de bom dia. O Abelique quer avisar que é pra você começar a passar seu café e abrir as cortinas enquanto ele não fica pronto. Tá um dia lindo aí onde você mora.

De fato, eu podia ver réstias de luz passando pelas frestas do blackout.

— Tá bom — respondi. — É só isso? Eu ainda não sei como isso funciona.

A pessoa do outro lado da linha sorriu, acho, ou pelo menos a voz dela assumiu um tom carinhoso em vez de nervoso.

— É só isso. É só, sei lá, levantar, tá bom? Você vai agradecer depois. — E um estalido. Fim da ligação.

Fiquei sentada na beirada da cama por um minuto. Depois, assim como a moça havia me recomendado, abri as cortinas. O céu estava azul, e as janelas do meu apartamento ficavam voltadas para o sol da manhã. Comecei a passar o café, e abri o Twitter para passar o tempo. Em vez disso, surgiu uma caixa de diálogo. *Não abra o Twitter. Segue um link do fórum de discussão de uma comunidade do Abelique para artistas.*

Para *artistas*?

Ah. Por que eu tinha dito que queria aprender a desenhar. Beleza, entendi. Enquanto esperava o café terminar de coar, conferi um fio cheio de fotos de obras que outras pessoas haviam criado — algumas pintadas, algumas desenhadas. A carvão, pastel, aquarela, caneta. De desenhos a nanquim de um gato numa janela a pinturas em aquarela de um rio correndo por uma cidade, as obras eram maravilhosas.

Outra mensagem apareceu na tela me mandando tomar meu café, comer alguma coisa, tomar um banho e depois — quarenta minutos antes da hora de eu precisar sair para trabalhar — pegar um papel, um lápis ou uma caneta, o que quer que encontrasse à mão, e desenhar a imagem de um dragão. Encarei, exasperada, a instrução. Eu tinha dito que queria *aprender* a desenhar, e não que eu *sabia* desenhar.

Não precisa ser um desenho bom, acrescentou o aplicativo.

Resmungando, desenhei um dragão horrível e, de novo seguindo as orientações do aplicativo, tirei uma foto para subir no fórum. *Não esqueça seu passe de ônibus*, disse o cartão. *E um guarda-chuva e um casaco leve, porque vai chover.*

Enquanto caminhava do ponto de ônibus até meu escritório, meu celular tocou de novo. Atendi.

— Oi, Linnea — disse outra voz. De novo, hesitante. O fato de que ninguém mais parecia *querer* fazer aquelas ligações tornava tudo mais esquisito, e menos esquisito ao menos tempo. Era estranho estarem fazendo algo assim, mas obviamente eu não era a única a desconfiar de ligações telefônicas. — Aqui é a Yasmin, e só passei pra te dar um boas-vindas rápido à comunidade de artistas.

Aquilo parecia demais. *Uma comunidade de artistas?*

— Acho que eu cometi um erro — soltei.

— Sim, é por isso que a gente liga — falou ela. — Muitas pessoas falam a mesma coisa. Você não cometeu erro nenhum. Não quer fazer coisas legais? É uma coisa que você aspira?

— Sei lá, todo mundo aspira, não? — falei. Estava começando a chover, então peguei meu guarda-chuva.

— Não, algumas pessoas não estão interessadas em fazer coisas, na verdade. Mas pelo jeito, você tá.

— Sim — respondi.

— Então seu lugar é com a gente — disse ela. — Vamos ajudar. Eu amei seu dragão, aliás.

Senti o rosto corar.

— Parece algo feito por uma criança de dez anos.

— Quantos anos você tinha quando parou de desenhar por diversão? Uns dez?

— Eu... sim.

— Bom, então você não perdeu habilidade nenhuma. Vai melhorar. Bem-vinda à comunidade.

É estranho o monte de minúsculas decisões que a gente toma todos os dias.

Comecei a me dar conta disso porque o aplicativo estava tomando várias delas por mim.

O que vestir. O que preparar para o café da manhã. Ele me passou uma lista de compras e um planejamento de refeições, o que me deixou nervosa quando pensei que talvez fosse ser levemente instruída a gastar o dobro do que costumava no mercado — mas a conta final ficou similar às minhas outras, então beleza. Decidi dar uma chance para o planejamento do aplicativo. Ele me fez sair antes para pegar o ônibus em vez de ir dirigindo, o que me fez economizar dinheiro em estacionamento e inserir uma caminhada na minha rotina diária.

E tinha o desenho! Eu desenhava todos os dias. Depois de uma semana pegando ônibus em vez do carro, o aplicativo me mandou para uma loja de materiais artísticos com outra lista, e voltei para casa com um caderno grosso e um conjunto de lápis que comprei com exatamente o mesmo valor que havia economizado ao pegar o ônibus. Assim que cheguei em casa, o Abelique me fez colocar o material novo em uso para desenhar o buquê de flores que havia acrescentado à minha lista de compras.

Comecei a entender por que as pessoas gostavam do aplicativo. Mesmo sendo meio perturbador ver como ele sabia o que eu costumava comprar no mercado.

Em vez de ficar olhando o Twitter, eu agora olhava fotos das obras de outras pessoas na comunidade de arte. Rascunhos rápidos de plantinhas ao sol, feitos em carvão ou lápis, as sombras escuras embaixo. Um divertido gato-sereia feito a lápis de cor. Uma aquarela de uma rua, as construções distantes sumindo como névoa no céu roxo. Eu desenhava a proposta de cada dia — flores, sombras, a vista da minha janela, outro dragão — e postava fielmente, mesmo sentindo que as obras de todo mundo eram muito melhores do que as minhas.

Eu nunca tinha feito aula de arte no ensino médio porque meus pais achavam que matérias extra de ciências me ajudariam quando eu chegasse à faculdade, e que eu devia pensar no meu futuro. Também não tinha feito aulas de artes na faculdade porque faculdades são muito caras, e eu precisava focar em matérias que pudessem ter utilidade prática. Agora eu estava num “bom emprego” — um que oferecia assistência de saúde e me pagava o suficiente para dar conta do aluguel e dos empréstimos estudantis; talvez, se eu continuasse ali, chegaria a ganhar o bastante para financiar uma casa.

Eu *gostava* de desenhar, me dei conta. Era divertido na infância. Por que eu havia aberto mão daquilo?

Duas semanas depois de ter começado a usar o Abelique, entrei no esquema de telefonemas: agora, em vez de só receber ligações, às vezes precisava fazer algumas. A primeira foi uma de bom dia — e eu teria ficado encarando a tela e procrastinando se

não soubesse que talvez fosse fazer o papel do *despertador* de alguém, então era melhor resolver logo aquilo. Não precisei nem digitar o número: o Abelique fez isso por mim, e também acionou o viva-voz para que eu pudesse ver o que o aplicativo queria que eu dissesse. O telefone tocou duas vezes até alguém atender.

— Alô — disse alguém do outro lado, a voz grogue.

— Oi — comecei. — Essa é sua ligação de bom dia. — Mais informações começaram a subir pela tela. — O Abelique quer que eu te lembre que você tem dentista daqui uma hora. Então não é pra ir trabalhar, e sim passar no dentista.

A pessoa soltou uma risadinha.

— Certo. Beleza. Valeu. — E foi isso.

Acabou antes que eu pudesse ficar *realmente* nervosa. E ou os usuários do Abelique eram muito educados, ou o aplicativo estava me passando as ligações mais fáceis, já que eu era nova naquilo. Todo mundo para quem eu ligava com um lembrete (hora de levantar, hora de ir para a cama, hora de sair para caminhar, você tomou banho hoje?) agradecia e geralmente fazia o que tinha que fazer (eu recebia uma notificaçãozinha para saber que meus lembretes tinham resultado em algo positivo).

Depois de trinta dias, chegou o momento de pagar pelo aplicativo — quando descobri que o preço não era algo direto tipo, trinta dólares por mês. Não, o aplicativo simplesmente arredondava os pagamentos que a gente fazia ao longo do mês para o valor redondo mais próximo — então US\$3,96 virava US\$4, ou US\$58,51 virava US\$59 — e o aplicativo ficava com o excedente (por outro lado, quando o usuário pagava por exemplo US\$1,25 por algo, ele arredondava para US\$2 e mandava o dinheiro extra para a conta da pessoa). Decidi que o aplicativo estava tendo um impacto na minha vida que valia o pagamento, e cliquei no botão que aceitava as condições.

— Não é excelente? — Foi a reação de June.

Ela seguia muito entusiasmada com o Abelique. E ainda jogava Wordle.

— Ótimo. Feliz que você resolveu abrir a mente com relação a isso — disse meu chefe, e assenti efusivamente, fingindo que ele estava me tornando mais produtiva mesmo tendo recebido uma ligação no dia anterior às cinco e dez da tarde de alguém que disse “Viu, seu trabalho não te ama. Melhor ir pra casa. Se ficar no escritório até mais tarde de novo, talvez não tenha energia pra fazer o jantar, e seu jantar hoje deve ser

uma salada niçoise, que é deliciosa. Essa não é a opinião do Abelique, e sim a minha. Eu comi essa mesma salada ontem”.

— Você entrou num culto — falou Margo.

— Acho que um culto precisa ter um *sistema de crenças* ou coisa assim — falei.

— Sei lá, ninguém me mandou parar de tomar meus antidepressivos. Na verdade, o aplicativo me mandou um lembrete pra ir buscar o frasco novo ontem. Ninguém está tentando me forçar a adorar os Grandes Antigos ou recrutar outras pessoas pro sistema.

— A June recrutou você!

— Não, foi meu chefe que encheu meu saco.

— Então, é um *culto capitalista*. Tipo a historinha da cigarra e da formiga.

Trabalha, trabalha, trabalha.

— Não, então, aí que tá — falei. — Não é isso, real. — Margo começou a retrucar, cética, mas continuei. — Hoje, quando saí pra almoçar, o aplicativo me mandou uma mensagem dizendo que o Keith ia ter uma reunião fora do escritório pelo resto da tarde, então eu devia me demorar mais no almoço, dar uma caminhada e talvez desenhar por uns quinze minutos antes de voltar pra mesa. É como se o Reddit Anti-trabalho tivesse criado um aplicativo de produtividade.

Aquela conversa foi a primeira a deixar Margo curiosa. Ela se reclinou na cadeira e ficou em silêncio por um tempo — só bebericando o chá gelado enquanto ouvia June e eu falando sobre o encontro ao qual June tinha ido no fim de semana anterior (um dos domínios do qual o Abelique mantinha distância era o amoroso. Enfaticamente, aquele não era um aplicativo de pegação).

— Queria saber quem criou esse negócio — disse Margo, enfim.

Nem June nem eu sabíamos.

— Eu vou descobrir — falou Margo. — Talvez possa vender um artigo sobre isso.

— Achei que você tinha dito que...

— Eu sei — falou Margo. — Mas estou *curiosa*.

Não que eu quisesse competir com a Margo para ver quem escrevia um artigo mais rápido, mas também comecei a me perguntar quem estava por trás do Abelique. O artigo da Wikipédia dizia que era um “coletivo sob um pseudônimo”, e uma série de outras

fontes online o chamavam de um “coletivo *duvidoso* sob um pseudônimo”. Encontrei uma discussão enorme no Reddit de pessoas especulando que secretamente o aplicativo era comandado pela Apple, pela Cientologia, pelo governo chinês, pelos Illuminati ou pela Mattress Firm — embora o autor da última teoria tivesse pensado naquilo porque um amigo havia recebido a instrução de comprar um colchão novo, e a própria pessoa admitia que provavelmente era porque o amigo vinha usando um colchão de trinta anos de idade que não só fazia mal para a sua coluna como o enchia de alergias por causa da poeira acumulada; fora o fato de que o colchão novo não tinha sido comprado na Mattress Firm.

A coisa mais esquisita que achei foi que, aparentemente, quando a pessoa continuava cumprindo suas obrigações, fazendo ligações e tarefas conforme instruída, o aplicativo não tirava dinheiro dela — na verdade, ele *dava* dinheiro. Alguém havia pedido demissão porque o Abelique havia sugerido; aquilo parecia mesmo meio extremo, e até mesmo digno de um culto, mas depois o aplicativo passara a fornecer dinheiro suficiente para atender às suas necessidades. “É um aplicativo de ajuda mútua”, dizia uma das mensagens no Reddit. Aquilo tinha resultado numa série de outras histórias, de pequenos mimos, como cartões de presente de um café quando alguém passava por uma semana difícil, a vários outros usuários que haviam pedido demissão — porque o aplicativo os encorajara diretamente ou porque tinham tentado terminar o expediente no horário combinado (como o aplicativo sempre instruía) e por isso haviam acabado demitidos. Em todos os casos, o aplicativo pagara as contas dos usuários até que conseguissem um emprego novo.

A coisa mais esquisita que encontrei foi uma discussão separada sobre o “aplicativo de produtividade Abelique”, em que alguns gerentes diziam que seus empregados estavam mais produtivos e definitivamente pessoas que usassem o aplicativo deviam receber bônus.

Enviei um e-mail para Margo com tudo que encontrei. Precisava admitir que ela não estava errada numa coisa: aquilo era esquisito.

Cerca de um mês depois, Keith parou na minha mesa com uma cara estranha.

— Acabei de receber um relatório de segurança que traz uns alertas bem sérios sobre os aplicativos que recomendei — falou ele. — Melhor desinstalar. Aqui, mandei pra você algumas instruções sobre como tirar ele do seu celular.

— Sério? — falei. — Bom, isso é preocupante. Vou olhar agora mesmo.

O artigo destacava preocupações sobre privacidade do Abelique que, na verdade, eram bem *válidas*. O aplicativo tinha começado futricando minha vida online, mas depois me instruíra a passar voluntariamente mais informações — a novidade da semana é que quem enviava um vídeo curto do armário recebia instruções mais detalhadas sobre o que vestir, incluindo as peças que as pessoas tinham, mas nunca usavam porque não paravam para pensar no assunto. Era um recurso que levaria algum tempo para atualizar por completo porque na verdade era “outras pessoas, mas com boa noção de moda” que olhavam as roupas dos outros usuários e faziam recomendações. Enfim, quando um aplicativo quer acesso literalmente ao seu armário... bom, chamar isso de preocupação com privacidade talvez seja pouco. Mas eu duvidava muito que Keith estivesse preocupado de verdade com a minha privacidade. Parecia mais provável que houvesse boatos circulando de que o aplicativo estava encorajando as pessoas a não passarem a vida toda no escritório.

Conferi a comunidade, e não era só eu: os padrões das pessoas num piscar de olhos tinham mudado de “todo mundo devia usar o Abelique” para “ninguém deve usar o Abelique, é *perigoso*”.

Alguém dizia que não era preciso se preocupar, e passava uma série de opções — incluindo um aplicativo falso que era o Abelique, mas com um ícone diferente caso o chefe da pessoa insistisse em olhar o celular dos subordinados. Troquei o meu por um ícone alternativo que dizia que aquele era um aplicativo de registro do ciclo menstrual, que seria o equivalente a Kryptonita para o Keith. Ele *definitivamente* não ia querer chegar perto daquilo. Depois, peguei um caderno em branco e um lápis, porque tinha uma reunião grande de departamento — e uma das melhores coisas de desenhar em reuniões era que, a menos que alguém olhasse bem por cima do ombro da pessoa, a impressão era a de que estava diligentemente fazendo anotações.

As preocupações de Keith foram só o começo.

O “relatório de segurança” foi seguido por uma série de reportagens cada vez mais paranoicas. Ninguém sabia quem estava por trás do aplicativo, e todos usavam o adjetivo “obscuro” porque soava como “talvez, uns monstros”. Vários dos artigos incluíam entrevistas com usuários, o que seria até legal se um deles não tivesse escolhido um ex-presidiário que estava tendo dificuldades de se manter sóbrio e achava

o aplicativo útil porque ele tinha se acostumado demais à rotina imposta na prisão. Outro tinha falado com uma mulher que falava sobre como o Abelique a ajudava a “se sintonizar com as vibrações do universo”; o terceiro apresentava uma mistura toda esquisita de características em vez de uma pessoa. Em outras palavras, todos os artigos diziam que o Abelique era para *fracassados*.

O número de inscrições novas diminuiu vertiginosamente.

“Tem mais alguém preocupado aí?”, perguntei num fio no fórum de artistas.

“Não quero perder esta comunidade.”

“Toda comunidade online tem uma data de validade”, alguém respondeu.

Aquilo não era nada tranquilizador! Eu queria que alguém dissesse que nosso espaço ia continuar, de alguma forma.

E possivelmente o “coletivo obscuro” pensava parecido, porque começou a me direcionar a encontros presenciais com outros usuários do Abelique. A gente se encontrava em cafês e parques e trocava números de telefone para que, caso o aplicativo acabasse mesmo, ao menos desse para manter contato. Também trocamos materiais: eu tinha experimentado giz pastel, mas havia odiado a sujeirada nos dedos, então dei para alguém que queria começar a usar. Outra pessoa perguntou:

— Você é a Linnea? — E me entregou um conjunto compacto de aquarela. — Isso é pra ser seu — falou ela.

Soltei uma risadinha miserável. O aplicativo tinha sugerido que eu comprasse aquarela duas vezes em visitas à loja de materiais artísticos. Em vez disso, eu tinha comprado mais lápis de cor. Aquarela era *assustador*.

— Por que o aplicativo está tão *determinado* e me fazer usar aquarela? — perguntei.

— Provavelmente você tá olhando obras em aquarela de outras pessoas — falou a moça que me entregou as tintas. — E enfim, agora isso é seu. Vai pra casa e experimenta.

Acordei na manhã seguinte, abri as cortinas, comecei a passar o café e me sentei com as aquarelas e o último buquê de flores. Para a surpresa de ninguém, as cores se misturaram e eu acabei com uma mancha — mas era uma mancha bem bonita, do seu jeitinho bagunçado. Tirei uma foto e coloquei no fio do fórum de artes do dia.

“Melhor ver isso”, dizia uma mensagem fixada.

Da noite para o dia, as reportagens sobre o Abelique tinham ido da água para o vinho. Dessa vez, por causa de Margo.

Por trás do Abelique havia uma inteligência artificial criada e gerenciada por um laboratório na Universidade de Temple, na Filadélfia. Os cientistas da computação de Temple tinham feito o aplicativo e dado à IA o objetivo de fazer as pessoas felizes... antes de simplesmente se afastar e ficar vendo o que acontecia.

Margo tinha conseguido uma resposta para sua pergunta e vendido uma série de quatro artigos para um jornal nacional que rendera tanto dinheiro que, quando chegamos ao restaurante no dia em que o primeiro dos textos foi publicado, ela disse que a noite era por conta dela.

Nos sentamos à mesa.

— O que eu não entendo é o seguinte — falou June. — Não tem como chegar numa IA e simplesmente dizer que ela precisa *fazer as pessoas serem felizes*. É preciso instruções mais específicas.

— Bom, tem várias pesquisas rodando por aí — falou Margo. — Tipo, a gente sabe que as pessoas ficam mais felizes quando passam um tempo ao ar livre e dormem direito. Então a IA começou por aí, depois analisou como as várias intervenções ajudavam, e assim foi melhorando o aplicativo.

Ajustei o cachecol amarelo que o aplicativo tinha me sugerido naquela manhã.

— Será que cores vibrantes melhoram o humor?

— Eu entrevistei um dos programadores — falou Margo. — E perguntei especificamente sobre esse lance do guarda-roupa. Até o momento, o que eles sabem é que não tem a ver com a cor, e sim com usar itens que cada pessoa considera “especiais”. Além disso, tem gente que se sente meio culpada sempre que olha o armário. Quando o aplicativo diz para usar algo que a pessoa comprou no passado, faz ela se sentir melhor sobre si mesma e suas compras. E também diminui as chances de o usuário comprar mais coisas.

— O Abelique me fez usar um monte de cores vibrantes.

— É porque você claramente gosta de cores vibrantes, já que tem um montão de itens assim no seu armário. Na real eu mesma podia ter dito isso pra você, Linnea. Toda vez que a gente vai comprar algo, você escolhe coisas que são... laranja berrante, amarelo, vermelho. Só que aí, quando sai, tá lá você usando tons terrosos.

June só assentiu.

— Entendi — falei, me sentindo de repente autoconsciente demais. — Mas não foi a IA que olhou as fotos do meu armário, e sim outro membro da comunidade.

— Exato — falou Margo. — Provavelmente esse foi o *maior* achado da IA: as pessoas ficam mais felizes quando têm uma comunidade. O que eu diria que já sabia, *sinceramente*, mas as pessoas sempre parecem mais impressionadas quando a ciência diz algo que elas já sabiam.

Pensei naquilo enquanto almoçava. Claro que as pessoas ficavam mais felizes quando tinham uma comunidade, mas a do Abelique era gerenciada e estruturada de um jeito muito diferente das demais. A gente recebia tarefas, do sistema de telefones até uma missão mais recente dizendo que eu tinha que desenhar um polvo para alguém com um filhinho pequeno que amava polvos. Não gosto de ir ao correio, então tinha entregado o desenho para uma pessoa no trem e ela havia despachado para mim.

Um audacioso experimento sobre a felicidade humana era um dos trechos mais destacados da série de artigos de Margo. Era como uma das pesquisadoras tinha descrito o Abelique. Os professores responsáveis pelo projeto tinham se negado a falar com ela, mas a moça encontrara uma ex-graduanda disposta a abrir o bico (e ela tinha frases ótimas, tipo a do “audacioso experimento”). O artigo passava bem por cima sobre questões éticas, mas a ex-graduanda enfatizava que a questão que sempre faziam a si mesmos era “qual dentre duas coisas boas faz as pessoas *mais feliz*” e não “tem como fazer as pessoas ficarem infelizes?”.

— A gente já sabe como fazer as pessoas infelizes — disse ela. — É só olhar ao seu redor.

Tudo que o Abelique tinha me mandado fazer de repente fez sentido. Pesquisas mostravam que as pessoas eram mais felizes quando tomavam menos decisões, passavam tempo ao ar livre, dirigiam menos e passavam menos tempo em redes sociais tradicionais. Então o aplicativo me dava um menu semanal, me mandava passear, recomendava que eu pegasse o trem e me pentelhava para ler livros em vez de ficar no Twitter.

O interesse no Abelique ressurgiu, mas de alguma forma saber como ele funcionava tirou um pouco da magia. Mais do que isso: outras pessoas começaram a encontrar formas de não obedecer às regras. Começaram a entrar no aplicativo para vender seus esquemas de pirâmide. Fóruns sobre alimentação tinham passado a atrair

posts sobre bebidas que substituíam refeições inteiras, e logo ficou claro que alguém estava recebendo dinheiro em troca de novos consumidores dos nojentos shakes falsos. Certa manhã, minha ligação de bom dia foi um spam de áudio, e foi isso. Não desinstalei o aplicativo, mas comecei a ignorar a chamada matinal e o texto de ir para a cama — o que felizmente fez com que o aplicativo não me incluísse mais nos esquemas de ligação. Quando menos se utilizava o Abelique, menos ele exigia da pessoa. No meu tempo livre à tarde, comecei a maratonar reality shows na televisão.

Até que, certa tarde, recebi uma mensagem de texto. Por um instante, achei que era o Abelique, mas não: quando analisei mais de perto, me dei conta de que era uma das pessoas que tinha encontrado no parque, durante as semanas em que a gente achava que o aplicativo ia fechar. Uma das outras artistas.

Topa encontrar comigo de novo?, perguntava ela. *Vai fazer uns dias bonitos no fim de semana, e tô com saudades de desenhar.*

Olhei para os meus lápis, que estavam começando a acumular poeira. *O aplicativo que mandou você me mandar mensagem?*, respondi.

Não, dizia a resposta. *Só tô com saudades de fazer arte mesmo. Você não tá?*

Olhei de novo para os meus lápis. Ao longo do último mês, olhar para eles me fazia sentir culpa, então tinha criado o hábito de focar em outra coisa. Quase havia me desfeito deles, duas vezes. Mas *sim*, eu estava com saudades de desenhar. Muitas saudades.

Topo sair com você, respondi.

Apontei meus lápis e tirei os pincéis de aquarela da gaveta. Meus blocos estavam empilhados, e folheei todos. Fazia tanto tempo que não olhava para eles que fui capaz de enxergar algumas artes boas, em vez de só um monte de lixo. O tentáculo de polvo nos rascunhos que tinha feito antes do desenho que mandei como presente. A luz e as sombras no desenho da minha cozinha, que de alguma forma eu tinha reproduzido certinho. A pintura em aquarela do buquê que havia me enchido de frustração e agora parecia *incrível*, de seu próprio jeitinho bagunçado e lindo. Com cuidado, arranquei a página do caderno com a pintura e a preendi na geladeira, onde pudesse ver. Por que havia parado de comprar flores para mim mesma? Precisava mesmo esperar um aplicativo me *mandar* fazer aquilo?

Encontrei com Kristin no parque. Ela era mais nova do que eu.

— Eu não uso o aplicativo faz semanas — confessei.

— Nem eu — disse ela. — Fiquei cansada de ter alguém me dizendo o que vestir e comer.

— Vamos dar uma volta pra procurar algo pra pintar? — falei.

Andamos pelo parque lado a lado, procurando algo bonito. O lado bom de sair com um bloco de desenho e a intenção de fazer arte é que a gente começa a prestar atenção em várias coisas: as sombras projetadas pelas flores das árvores, as pequenas violetas silvestres crescendo na sombra, a trajetória do voo de um pássaro pelo ar. Fomos até uma fonte com pinturas de flores em grandes vasos dispostos na borda. Havia quatro outras pessoas lá quando chegamos, todas com blocos e lápis ou pequenas paletas de aquarela. Duas ergueram o olhar e sorriram quando nos aproximamos. Eu me sentei na grama e comecei a pintar.

Do meu lado, tinha uma mulher mais velha com um bloco de desenho barato e uma caixa de giz. Ela me pegou olhando para o desenho dela e corou.

— Ai, desculpa — falou ela. — Isso é um clube de desenho? Porque não sou membro e não quero ocupar o lugar de ninguém.

— Não é clube, não — respondi. — E se a senhora tá aqui pra desenhar, esse lugar é seu também. — Peguei minhas aquarelas, o copinho de água portátil e entreguei para ela uma folha de papel e um dos meus pincéis. — Quer saber? Vamos nós duas experimentar alguma coisa diferente.

FIM

Uma eulógia para todos os fins

por Jana Bianchi

■

Tradução: Jana Bianchi

Preparação: Rachel Penteado, Sérgio Bino, Vólia Simões, Maria Clara Lacerda e Taty Guedes

Revisão: Jessica Trombini, Taty Guedes e Victor S. Pastore

Publicado originalmente em inglês na antologia Imagine 2200 (leia [AQUI](#))

■

Os olhos do aprendiz de Pilar se arregalam quando ela diz que ele será responsável por cuidar do corpo enquanto ela termina de bordar a mortalha.

O rapaz não tem nem vinte anos, e hoje é seu primeiro dia como auxiliar da tanatopraxista de Caição. A impressão é de que ele está lutando para não protestar. Para seu crédito, porém, o garoto só suspira fundo e segue Pilar até a mesa mortuária.

Ela tem quase sessenta anos, e Cosmo é seu primeiro assistente.

Ele coloca as luvas, prestando atenção enquanto ela o instrui sobre como desinfetar o corpo, depois abre o saco para revelar o rosto pálido de um idoso. É o padeiro aposentado, seu Valentim. O homem descobriu um câncer em estado terminal há seis meses, logo antes de completar cento e dezoito anos, mas morreu de infarto enquanto cortava bandeirinhas para o Festival do Cal que acontece mês que vem.

O rapaz não parece abalado; assim como qualquer outro membro da comuna, foi ensinado desde a infância que a morte não é algo a se temer. O vazio deixado pela partida de um ente querido dói, independentemente de qualquer coisa, mas morrer é tão somente o resultado final de qualquer vida — longa ou curta, feliz ou lamentável, humana ou não. Tratar o assunto como tabu é só um dos vários maus hábitos que os fundadores de Caição concordaram em deixar para trás. Aprendendo com os membros guarani do conselho, se comprometeram a educar seus jovens para que respeitem a vida e a morte em igual medida. Afinal de contas, queriam construir um lugar não para a mera sobrevivência, e sim um lar onde as gerações seguintes poderiam viver e florescer.

Cosmo parece incomodado, porém.

— É que... Quando passei alguns meses ajudando meu pai com o pessoal da Construção, eu só fincava postes e misturava terra, argila e palha pras paredes de pau-a-

pique. Então, aqui, achei que ia começar com... uma função menos importante — murmura ele, enfim, abrindo a parte final do zíper.

O menino levou dois minutos inteiros para retrucar, pensa Pilar. Nada mal.

— Que foi? — Cosmo para no meio do movimento quando nota o sorriso dela.

— Eu acabei de falar bobagem, né?

Pilar nega com a cabeça.

— Você disse exatamente o que *eu* falei no meu primeiro dia aqui, trinta e cinco anos atrás. — Ela toca o braço dele num gesto de conforto, e nota os ombros de Cosmo relaxando. — E ainda bem, porque assim posso seguir meu roteiro original e te ensinar sua primeira lição como tanatopraxista: aqui, não tem função mais ou menos importante... Mas o segredo de uma destinação sustentável e respeitosa de restos mortais está, de fato, nas mortalhas.

A mulher puxa a cadeira de balanço para mais perto do assistente. Desdobra a mortalha quase finalizada sobre o colo, os bordados em linhas brancas destacadas contra o algodão orgânico preto, cultivado e manufaturado numa comuna vizinha. Além dos padrões ramificados presentes em todas as mortalhas, a do padeiro já exhibe vários símbolos pessoais. Toda vez que um residente se inscreve para suicídio assistido ou é declarado paciente em cuidados paliativos pela equipe do Nódulo da Saúde, Pilar começa a personalizar sua mortalha.

— Você já sabe como as coisas funcionam — diz, colocando o fio na agulha.

Não é uma pergunta; todos os anos, os alunos da primeira série visitam o Nódulo Funerário, onde Pilar palestra sobre morte, luto e responsabilidade. Acima de tudo, ela fala de legado: as coisas, boas ou ruins, que cada um de nós deixa para trás. Memórias, mas também toxinas e resíduos. Quando chega nessa parte, tira um tempo para explicar, em termos simples, o porquê de os corpos serem envoltos neste tipo específico de mortalha.

— Sei sim. — Cosmo está lavando o cabelo grisalho de seu Valentim.

Pilar nota que as mãos dele são gentis, mas firmes. Suaves, mas não hesitantes. Uma ótima característica para um tanatopraxista.

— Então me explica — pede Pilar, escolhendo o próximo símbolo que vai bordar.

Ela confere as anotações que fez durante a entrevista com a família e amigos de seu Valentim, e um sorrisinho curva seus lábios quando ela decide começar pelo brasão

do Cerrado Futebol Clube, time de futebol amador no qual o padeiro jogou como goleiro por boa parte da vida.

— O fio contém uma seleção de esporos de fungos especiais — começa Cosmo.
— Eles saem da dormência e germinam depois que o corpo é enterrado em um dos bosques, metabolizando as toxinas do cadáver antes que essas substâncias possam contaminar o solo. É assim que a gente consegue manter nossos mortos por perto sem comprometer a terra que nos alimenta.

Pilar sorri de novo. Tem algo belo no fato de que ele responde à pergunta exatamente como ela fez três décadas atrás. Tão técnico, tão seguro, tão focado na funcionalidade da coisa — tão inocente, de uma forma tocante. Ouvir as palavras é como ver a água correr por um sulco já traçado no chão. Ela sabe que é só uma questão de tempo até a força do fluxo começar a erodir as margens, abrindo caminhos novos que vão levar a novas reflexões.

De fato, há algo belo em ver um ciclo se fechando só para recomeçar logo depois.

— E a outra parte? — pergunta ela, com os olhos focados no rosto do menino enquanto os dedos trabalham sozinhos nos pontos; a esta altura, ela já aprendeu a confiar neles.

— Que outra parte? Eu não... — Cosmo está lavando a barba comprida de seu Valentim. Não para, mas sua expressão desanuvia quando compreende. — Ah, os desenhos, né? Sim, eu sei sobre eles também.

A tanatopraxista assente. Os esporos poderiam ser presos à mortalha seguindo qualquer padrão, mas tem coisa mais poética do que engatilhar a inescapável decomposição de um falecido usando um padrão que evoca suas efêmeras lembranças? Tem coisa mais respeitosa do que tirar um tempo para aprender sobre cada cidadão e depois planejar a melhor forma de registrar, num simples pedaço de pano, os elementos mais importantes de toda uma vida?

— Não é uma regra. — Pilar faz questão de manter a voz neutra. Há coisas que não devem ser impostas, ou acabam perdendo todo o significado. — Quando for sua vez, você vai poder fazer como preferir.

Cosmo não fala nada. É como se estivesse considerando o peso do que ela acabou de dizer: *quando for sua vez*. Como se estivesse tentando absorver o fato de que vai ter uma vez para chamar de sua. Depois, dá de ombros e volta ao trabalho.

Aparentemente, o garoto não está disposto a responder qualquer coisa só para agradar, e Pilar gosta disso.

Ela termina a mortalha assim que Cosmo finaliza a limpeza. Pilar se aproxima, já de luvas, e mostra para ele como quebrar o rigor mortis nos lugares certos para colocar o corpo de seu Valentim em posição fetal antes de seguir com a parte final do tratamento do cadáver.

Os dois ainda passam algumas horas perdidos em pequenas tarefas, alternadas com longas explicações e discussões filosóficas. Quando Pilar acha que é hora de dar o dia por encerrado, leva a mão ao bolso.

— Toma. — A tanatopraxista separa algumas chaves do molho. — Fiz cópias pra você.

Cosmo as aceita, distraído, os olhos focados no pingente do chaveiro.

— Uma baleia? — pergunta ele, apontando para a peça esculpida em madeira.

— Isso. — Por um instante, Pilar considera parar por aí, mas as palavras escapam dos seus lábios como se fosse um dique transbordando. — Meu pai fez pra mim há muitos anos, quando falei que sonhava ver uma. — Ela solta uma risadinha pelo nariz. — Eu era tão bobinha... Imagina? Baleias são tão raras, tão poucas... tão preciosas. Quando na vida passou pela minha cabeça que eu estaria na hora certa e no lugar certo pra ver uma baleia? Eu, que só saí da comuna algumas vezes, nas excursões que a escola fazia até a praia?

— Eu li que os pesquisadores estão vendo um crescimento na população de baleias depois das medidas implementadas ao longo da última década pra controlar a poluição sonora do mar. A cada ano eles observam mais mães com filhotes na nossa costa. — Cosmo abre um sorriso gentil. — Talvez a senhora ainda possa ver uma, dona Pilar.

— Acho que não, mas tudo bem. Já fiz as pazes com a ideia de que nunca vou ver uma baleia. Aliás, quer saber? — Ela tira as próprias chaves do anel do chaveiro. — Fica com isso também.

— Ah, não, de jeito nenhum... — Cosmo balança a cabeça, recuando, mas Pilar insiste.

— Por favor. Eu te vi trabalhando, sei o quanto é cuidadoso. — Gentil, ela puxa as mãos do aprendiz e deposita o objeto nelas. — Sei que você vai cuidar dele.

O assistente corre o polegar pela baleia de madeira.

— Prometo que vou.

— Ótimo. Agora... — Pilar abre e fecha os dedos, doloridos de tanto bordar. — O que acha da gente tomar um cafezinho preto antes de ir pra casa?

As construções recém-caiadas cintilando à luz do vibrante pôr do sol vermelho, o cheiro de espigas de milho assadas na churrasqueira pairando pelo ar gelado de junho, os gritos de alegria das crianças e adultos curtindo a última noite de celebração com um pouco de diversão offline — tudo contribui com a atmosfera romântica que Pilar quer aproveitar com Órion.

Então eles dançam, batem papo ao redor das fogueiras, caminham de mãos dadas admirando as imaculadas paredes brancas. Não são caiadas só por causa da beleza, Pilar bem sabe; todas as casas de Caição são assim finalizadas porque superfícies brancas ajudam a diminuir a temperatura dos arredores em poucos, mas preciosos graus. Ainda assim, é lindo, e o Festival do Cal em si é muito mais do que uma questão de manutenção. É uma cerimônia anual para repintar construções, mas também para celebrar a renovação — uma forma de lembrar que ofensa alguma é imperdoável, erro algum é irreversível, e tudo inevitavelmente volta ao seu ponto de partida. Paredes ficam empoeiradas, são pintadas, ficam empoeiradas de novo. As pessoas se equivocam, se arrependem, se equivocam de novo. Safras são semeadas, cultivadas, colhidas, semeadas de novo. Ciclos e mais ciclos, pensa Pilar, tanto humanos quanto naturais. O festival é também uma oportunidade de se reunir com outros cidadãos, receber os refugiados que acabaram de chegar de áreas inundadas ou aglomerações urbanas decadentes, compartilhar histórias com membros de comunas irmãs sem o intermédio de inteligências artificiais e gadgets.

Pilar e Órion param diante de uma mesa cheia de comida. Cosmo está por perto com um dos seus namorados, Raoni, e o grupo começa a bater um papo tranquilo enquanto se serve. Pilar dá uma mordida numa broa de milho; gostosa, embora não tão boa quanto a de seu Valentim. Mesmo um mês depois do seu falecimento, as pessoas ainda comentam que estão com saudades, tanto dos seus pães e doces deliciosos quanto das suas piadas ou do seu jeitinho gentil. Pilar espera ser lembrada com um carinho similar quando partir.

— Gostou?

Ela é despertada de seus devaneios por Aruã, um dos bioengenheiros da comuna. É só alguns anos mais velho do que Pilar e Órion, e está apontando para a bandeja cheia de broas.

— Tá uma *delícia*. — É Cosmo quem responde. — Ei, Pilar, o que acha de pedir pro Aruã embalar umas dessas pra gente? Pro nosso café amanhã?

— Menino, minha glicemia tá uma loucura. — Ela faz um barulhinho teatral com a boca. — Mas Aruã, por favor, faz o que o menino pediu.

— Embalo pra uma pessoa só, então? — pergunta o bioengenheiro, sorrindo.

— Não, pra duas. — Pilar se vira para o aprendiz. — Você dá conta da minha parte, né?

— Sempre — responde ele, depois de hesitar por um piscar de olhos.

— Caramba, isso sim é uma mentora gente boa... — fala Raoni, dando uma piscadela para Pilar.

Enquanto Aruã embala quatro broas num pedaço de papel de cera de abelha, Cosmo abraça Raoni de lado, pousando a cabeça no ombro dele. Ver um amor jovem florescer diante dos próprios olhos é como usar roupas quentinhas que secaram ao sol do inverno. É recompensador como passar a tarde inteira lendo um bom livro numa rede, como voltar para casa e sentir o cheiro de café recém-passado.

— Não se comparam às do seu Valentim, mas... — Aruã dá de ombros. — Foram feitas com as primeiras espigas da variedade nova que a gente tá testando no Agronódulo 5, usando uma mistura de técnicas de cultivo dos guarani-mbya. Além disso, o genoma do milho foi editado pra fixar carbono umas três vezes e meia mais rápido do que cultivos antigos dos anos 2000, e... Bom, não quero encher o saco de vocês com tecnicidades. É comida boa e saudável, e é isso que importa.

— Não, eu ficaria horas ouvindo — diz Pilar. — É uma bênção ter vocês trabalhando incansavelmente na Raiz pra garantir que nossos descendentes possam viver num lugar mais saudável e abundante.

Todos agradecem o bioengenheiro antes de se afastar da mesa com o coração tão cheio quanto a barriga. Órion toca a testa enquanto se despede, hábito que começou com os fundadores em reconhecimento à importância daqueles dedicados a criar variedades mais fortes e especializadas em produzir mais comida e sequestrar dióxido de carbono da atmosfera num ritmo mais acelerado. Mesmo que originalmente não houvesse nada de espiritual no gesto, agora há pessoas como Órion, que acreditam que bioengenheiros como Aruã são dotados de uma conexão mais forte com a terra, divina ou não.

Para esses crentes, não é coincidência o fato de a Raiz ficar bem no centro da comuna, o ponto a partir do qual se espalham os outros vários Nódulos — Residencial, de Educação Básica, Educação Superior, Cultura, Comunicação, Construção, Manutenção, Entretenimento, Funerário, todos os Agronódulos... O dia a dia da comuna gira ao redor dos laboratórios onde novas variedades de vegetais e fungos são desenvolvidos e pesquisados pelo bem maior, misturando tecnologia de ponta com técnicas ancestrais propostas por comitês indígenas dedicados a recuperar, adaptar e aplicar o conhecimento de seus antepassados. De novo, Pilar só consegue pensar em como os fundadores tinham uma visão pragmática das coisas, mas gerações de descendentes aos poucos atribuíram significados mais profundos a quase tudo.

Mais tarde, depois de voltarem para casa, Órion propõe que eles observem as estrelas. Traz lá de dentro uma manta macia e os dois se deitam na grama. É inverno, então a constelação que inspirou o nome do parceiro de vida de Pilar aparece por pouco tempo todas as noites. Agora, por exemplo, não está à vista.

— Obrigada por ser uma constelação pra mim — diz Pilar, se aconchegando mais para perto de Órion. — Mesmo quando não te vejo, sei que você tá aqui. Significa muito.

— Obrigado você, Pilar, um dos pilares da minha vida. — É uma velha piadinha interna, mas ela sempre se sente bem quando Órion diz essas palavras. — Eu te amo. — Ele se apoia no cotovelo para dar um beijo na testa, depois na boca de Pilar.

Ela sente a maciez dos lábios dele. Familiar mas excitante, como um vasto território mapeado que ela nunca cansa de explorar.

Quando Órion se afasta, Pilar nota que ele tem algo mais a dizer, mas apenas suspira e a abraça com força, cantarolando baixinho e lhe fazendo cafuné até ela adormecer sob o céu estrelado.

Seis meses depois do Festival do Cal, a equipe de Manutenção é chamada para consertar um vazamento no telhado do salão do Nódulo de Entretenimento principal. É verão em Caição, o que significa que está chovendo a cântaros, então os funcionários querem resolver o problema o quanto antes. O mais rápido possível.

Mas o mais rápido possível acaba sendo rápido *demais*, e a comuna se choca com o primeiro acidente de trabalho fatal em anos.

É quase meia-noite quando Pilar é chamada pelos membros da Equipe de Saúde e descobre que Olívio não sobreviveu à queda. Ela não fica surpresa quando encontra Cosmo já no necrotério — depois de meses observando o aprendiz, Pilar não esperava menos. O rapaz está com os olhos inchados, e só assente à guisa de cumprimento, mas parece focado. Pilar considera se oferecer para cuidar de tudo desta vez, para que o menino possa ir para casa lidar com o luto do falecimento do pai na companhia da família, mas sabe que não é a melhor ideia. Quando seu próprio pai morreu, mais de dez anos atrás, ela fez questão de ser a responsável por cuidar do corpo e bordar a mortalha.

— Você comeu alguma coisa? — pergunta Pilar antes de começarem, e Cosmo nega com a cabeça. — Certo, então vamos até a cozinha. Me dá uma mão, por favor? — Seu corpo inteiro dói, e nem mesmo a bengala anda ajudando muito.

Ele hesita, mas oferece o braço. Na cozinha, o garoto fica olhando enquanto Pilar passa uma garrafa de café, torra fatias grossas de pão de fermentação natural numa frigideira e prepara um mexido de cogumelos.

Não é a primeira vez que Cosmo trabalha com Pilar em casos de mortes súbitas e inesperadas, aquelas em que não há razão para ter mortalhas preparadas com antecedência. Assim, ele já sabe o que fazer. Tem noção de como é importante comer porque provavelmente vão trabalhar madrugada adentro para terminar a tempo a mortalha do pai, que vai precisar ser bordada do zero.

Estão quase terminando a refeição quando o assistente enfim fala. Pilar sabia que isso aconteceria; bastava esperar.

— A gente brigou ontem. — Uma lágrima solitária escorre pelo rosto do garoto. — Eu estava puto com meu pai. Ele disse coisas que me irritaram. — Ele inspira, depois expira. Quando parece mais calmo, continua: — Às vezes, ele era meio estúpido. Cruel, até. Eu odiava quando isso acontecia.

Pilar só assente. Cosmo se levanta, leva os pratos para a pia, ajuda a mentora a voltar para a mesa mortuária.

O rapaz não diz mais nada até abrir o saco com o corpo. A pele negra de Olívio está acinzentada, e ele tem um ferimento feio na parte de trás da cabeça. Fora isso, o homem de quarenta e tantos anos parece estar dormindo.

— Mas, na maior parte do tempo, meu pai era amoroso. Ele costumava fazer pipas pra mim quando eu tinha uns nove, dez anos. Preparava sanduíches, me levava pras colinas e a gente empinava pipa até eu ficar tão cansado que mal conseguia andar. Aí ele me carregava com os braços fortes de construtor e me trazia de volta enquanto

eu cochilava. Acordar na minha cama depois de ter adormecido no colo dele, ainda lá nas colinas, parecia magia. Eu... amava meu pai — acrescenta Cosmo, enfim, como se completasse o raciocínio iniciado na cozinha. — Ainda amo.

Pilar entende a situação melhor do que ninguém. Já esteve no lugar de Cosmo.

O assistente fica uns bons cinco minutos encarando o cadáver de Olívio.

— Eu aprendi que ajuda pensar que ele é só uma pessoa como qualquer outra. — Pilar toca o ombro do aprendiz. Torce para que ele entenda que ela não está falando do homem morto ali na mesa, nem da possibilidade de Cosmo estar abalado por estar olhando para o corpo do próprio pai. — O Olívio era um homem normal, como você e eu, ou como qualquer outra pessoa cujo corpo a gente já preparou ou ainda vai preparar algum dia. — Ele fazia coisas do jeito certo e do jeito errado, ela quer acrescentar, mas sabe que o menino não vai lhe dar ouvidos no momento. É melhor que ele entenda sozinho, no seu próprio ritmo, como ela mesma fez.

Durante os sete meses de mentoria, eles seguiram o mesmo padrão: Pilar cuida da mortalha, Cosmo cuida do corpo. Dessa vez, porém, ela coloca a linha na agulha e a entrega ao assistente, que se acomoda na cadeira de balanço sem reclamar.

Cosmo não precisa de anotações ou entrevistas com a família — a família é ele. Sabe como representar da melhor forma, em uma dúzia de símbolos bordados, a vida do pai.

Os dois terminam o trabalho pouco antes da aurora. Quando os primeiros raios do sol começam a vazar do horizonte, Olívio já está acomodado dentro da mortalha repleta de esporos, pronto para ser reintegrado à terra.

— Quer café? — Pilar geme, se espreguiçando depois de tanto tempo de pé.

— Por favor. — Cosmo oferece o braço a ela, e os dois seguem devagar até a cozinha.

Servindo o café recém-passado em duas canecas, Pilar diz:

— Eu te entendo, e sinto muitíssimo. — Ela vê os olhos de Cosmo se enchendo de lágrimas. — Meu pai e eu também tínhamos nossos desentendimentos. Ele sabia ser um babaca quando queria, mas ao mesmo tempo era a pessoa mais carinhosa do mundo. E eu o amava muito, muito mesmo. Ainda amo.

— Mas algum dia ele te falou algo que *sabia* que ia te machucar? — pergunta Cosmo, a voz quase inaudível.

Só algumas vezes, pensa Pilar. Mas, em cada uma delas, o vínculo forte que compartilhavam quando ela era uma menininha se desgastou mais e mais. Nunca chegou a se romper, mas sem dúvida enfraqueceu consideravelmente.

— Deixa eu pensar... Uma vez meu pai disse que eu nunca conseguiria ter um relacionamento longo porque era insuportável conviver comigo. E que, como eu era cabeça-dura a ponto de não dar ouvidos a ele, que só queria o melhor pra mim, talvez merecesse mesmo a solidão. Eu nunca cederia o necessário pra aprender a viver com outras pessoas, afinal de contas, então era melhor nem tentar.

— Ai. Eu sinto muito. Que coisa horrível de se falar. — Cosmo faz uma careta. — Mas bom, ele estava errado.

— Não. — Pilar dá um gole no café. — Ele estava certíssimo.

— Mas o Órion... Ele te ama — argumenta o aprendiz, cerrando os olhos para a luz da manhã passando pelas cortinas. — Vocês já estão juntos há um tempão, e...

— Então, o Órion é a pessoa mais paciente do mundo. Eu tive sorte de encontrar alguém como ele, tipo um raio que só cai uma vez no mesmo lugar. — Pilar esboça um sorriso que não chega aos olhos. — Mas o importante é que o choque de ouvir aquelas palavras saindo da boca do meu pai, uma das minhas referências na vida, me fez acordar. Demorou, pra ser sincera, mas eu entendi a mensagem. E, talvez por conta daquela discussão horrível, eu me comprometi a crescer e mudar. Trabalhar pra ser alguém melhor e, assim, parar de afastar as pessoas. — Ela fez uma pausa. — Algo que aconteceu várias vezes, na verdade.

Cosmo se levanta e pega as canecas. Está com olheiras imensas, e baças marcas de lágrimas lhe mancham o rosto.

— Mesmo assim, foi uma coisa bem escrota pra se dizer pra própria filha.

Considerando como as palavras saem da boca dele cheia de rancor — raiva, até —, Pilar entende que o garoto não está mais falando do pai *dela*.

— Foi sim. — A tanatopraxista também se levanta. Ela gosta de ficar mais tempo no necrotério para preparar as coisas para o dia seguinte, mas hoje talvez seja uma boa pedir que Cosmo a acompanhe até em casa. Assim ela vai sentir menos dor, e vai fazer bem para o garoto caminhar sem pressa pelas vias que ligam o Nódulo Funerário ao Nódulo Residencial onde ambos moram, respirando ar fresco depois de uma longa noite enfurnados ali. — Mas agora, eu entendo que ele estava tentando me avisar. Acho que queria me alertar porque pensava que talvez eu fosse acabar sendo igualzinha a ele, e não queria algo assim pra filha. Infelizmente, meu pai não tinha as

ferramentas pra me passar essa mensagem de uma forma mais gentil. Nunca ninguém ensinou isso pra ele.

Cosmo abre a boca, depois fecha de novo.

Logo antes de saírem, Pilar dá uma olhada na mortalha que envolve o corpo de Olívio, já pronto para que a equipe de Sepultamento o venha buscar daqui algumas horas. Num dos cantos, ela vislumbra o bordado de uma pequena e tímida pipa voando no céu.

Com o tempo, até bordar passa a ser difícil para Pilar. Ela sente dor quando está sentada, sente dor quando fica de pé por longos períodos. Felizmente, depois de quase um ano de mentoria, Cosmo já é capaz de fazer tudo sozinho, assim como ela costumava fazer antes da chegada do aprendiz.

Ele está preparando o corpo de uma garota desconhecida de quinze, dezesseis anos no máximo. Uma patrulha de segurança a encontrou já morta, picada por uma cobra, perto dos milhares mais distantes do Agronódulo 13. Estava com roupas esfarrapadas, sem documentos ou gadgets, e quase nada de comida e água na mochila — que, no entanto, continha uma boneca. Durante a necrópsia, os funcionários do Nódulo de Saúde descobriram que ela estava grávida de vinte e cinco semanas, a barriga ainda quase reta devido à malnutrição aguda.

Se ela tivesse sido encontrada antes, pensa Pilar, a comuna teria dado um lar à garota. Um lar apropriado, para ela e para o bebê, caso a moça desejasse levar a gravidez até o fim.

— Você entende agora? — pergunta a tanatopraxista para Cosmo, tentando deixar de lado a frustração de não ser capaz de ajudar todo mundo.

O rapaz assente.

— Entendo. — Aponta para umas dez mortalhas penduradas num cabideiro. — Essas etiquetadas são pra quem se inscreveu pro processo de suicídio assistido ou que foi declarado paciente em cuidados paliativos. A gente trabalha nelas quando sobra um tempinho, assim já vão estar quase prontas quando a pessoa morrer. Agora, essas... — Cosmo aponta para outro cabideiro. — Eu não fazia nem ideia de por que elas existiam. A senhora nunca falou disso antes.

— Bom, você nunca perguntou. — Pilar sorri, depois aponta para a mesa mortuária. — No fundo, eu torcia pra que você não precisasse saber, mas aí está a sua

resposta: sempre mantenho algumas mortalhas prontas com um pouco de antecedência pra casos como este. Não dá pra fazer muita coisa em termos de personalização quando a gente não conhece a pessoa morta e não tem família ou amigos pra serem entrevistados.

Cosmo pega uma das três mortalhas que, embora sem identificação, estão completamente bordadas. Em vez de desenhos mais específicos, os pontos formam estrelas, flores, conchas, insetos, animais. Uma seleção aleatória de coisas simples e bonitas.

Depois que terminam de envolver a garota desconhecida na mortalha, Cosmo olha fundo nos olhos de Pilar.

— Eu entendo a coisa de enterrar forasteiros como se fossem um de nós. Todo mundo merece respeito e decência, na vida e na morte — diz ele. — Mas por que se dar ao trabalho de bordar símbolos nas mortalhas? A gente não sabe nada sobre essas pessoas.

Pilar compreende a dúvida. Já pensou na mesma coisa várias vezes no passado, tanto que teve tempo de encontrar uma resposta.

— Eu sei uma coisa sobre essas pessoas: elas foram o amor de alguém. — Ela pousa a mão sobre a mortalha dentro da qual a garota desconhecida agora repousa em posição fetal. — Já é o suficiente pra mim.

Cosmo assente, colocando sua mão sobre a de Pilar.

Sozinho, ele limpa o necrotério e organiza as coisas para o dia seguinte sem falar nada.

— Foi ideia sua? — ele enfim pergunta enquanto passa café para os dois.

— Não. Foi do meu pai. — Pilar fecha os olhos. Ela está muito, muito cansada, exausta de estar sempre com dor. Só se dá conta de que nunca contou isso para nenhuma outra pessoa quando as palavras saem da sua boca: — Ele começou com esse costume quando era o tanatopraxista... e eu, sua única aprendiz.

Caiação está movimentadíssima: é véspera do Festival do Cal, e todos na comuna estão cheios de coisa para fazer. A manhã está fresca, embora ensolarada. É um dia bonito, mas Cosmo sente algo no ar que faz os pelinhos da nuca se arrepiarem. Não é ruim, só curioso.

Quando o tanatopraxista assistente olha para o relógio de parede na cozinha do necrotério e vê que Pilar está uma hora atrasada, entende que ela não vem.

Então ele tranca a porta, deixa um bilhete colado nela e toma o caminho que percorreu de braços dados com Pilar todas as tardes ao longo dos últimos dois meses.

Órion está do lado de fora da casa, como se já estivesse esperando por Cosmo.

— Mandei te chamarem, mas pelo jeito você foi mais rápido. — O rosto dele está inchado e manchado de lágrimas, mas o homem sorri um sorriso resignado.

— Ela já...? — Cosmo aponta a porta com a cabeça.

— A Pilar está dormindo agora, mas gostaria que você estivesse aqui.

Duas horas depois, Pilar parte, cercada das pessoas mais queridas da sua vida. Apesar da dor de uma metástase óssea intratável, ela optou por esperar que a natureza reivindicasse seu corpo.

A equipe do Nódulo de Saúde garante a Cosmo que o cadáver vai estar no necrotério dali algumas horas.

Desde seu primeiro dia como aprendiz de Pilar, ele sabia que esse momento iria chegar, e que não demoraria muito; na ocasião da descoberta da metástase, a expectativa de vida da tanatopraxista era de um ano, e ela fez questão de garantir que Cosmo soubesse do diagnóstico antes mesmo de aceitá-lo como pupilo.

Ainda assim, é estranho pensar que ele está por conta própria agora.

— Obrigado por cuidar dela — diz Órion, quase num sussurro. — Não só agora. Cosmo funga, pegando o chaveiro de baleia no bolso.

— Talvez o senhor queira ficar com isso. A Pilar disse que foi o pai dela que fez, e...

— Não, ela te deu. — Órion balança a cabeça. — É seu. Acho... Acho que a Pilar gostava da ideia de pensar que ele continuaria segurando as chaves do necrotério mesmo depois da morte dela.

Com um nó na garganta, Cosmo assente e guarda o chaveiro no bolso antes de dar um abraço de despedida em Órion.

A última coisa que Cosmo borda na mortalha de Pilar é um grupo de baleias. Ele precisa procurar imagens detalhadas na internet, mas faz questão de incluir mães, filhotes, machos jovens, tudo que Pilar merece. Ele não borda tão bem quanto a mentora, mas sabe que ela ficaria orgulhosa do seu trabalho.

Quando termina, ele passa uma garrafa de café forte e o serve em duas canecas. Bebe uma e deixa a outra esfriar na brisa invernal que sopra pelas janelas. A bebida está gelada quando Cosmo vai até o jardim e a derrama numa floreira.

Depois, ele espera a equipe de Sepultamento vir buscar Pilar envolta em sua mortalha. O tanatopraxista de Caição sussurra um adeus, desliga todas as luzes e tranca o necrotério com as chaves presas à pequenina baleia.

Um dia, o chaveiro vai pertencer ao próximo tanatopraxista, a pessoa que será sua aprendiz. Cosmo ainda não sabe quanto tempo isso vai levar, ou se ele próprio vai conseguir ver baleias de verdade antes de partir. O que sabe é que este é o começo de um novo ciclo, que inevitavelmente chegará ao fim — uma ideia que lhe traz muita, muita paz.

FIM

Quatro memórias soltas

por Diogo Ramos



Tradução coletiva: Camila Xerez, Fabiana Poppius, Jéssica Trombini, João Victor Primo, Lucas Decoté, Lucas Faria, Lucas O. Gallette, Pamela Gonzalez, Rachel Penteado, Raul Rocha, Talyssa Monteiro Y Carnero e Tanize Ferreira

Preparação: Jana Bianchi, Maria Clara Lacerda, Pamela Gonzalez, Raul Rocha e Vólia Simões

Revisão: Jessica Trombini, Taty Guedes e Victor S. Pastore



Um travesseiro com enchimento de obituário da mãe falecida e tufos de pena de um papagaio de duas cabeças que perdeu uma delas. Ideal para crianças enlutadas cujos olhos estão prestes a se afogar.

Papai resmunga que travesseiros de penas não são recomendados para crianças com menos de dez anos: as pontas afiadas podem perfurar a pele, permitindo que memórias absorvidas rastejem de volta e se tornem recorrentes. Enchedores de travesseiros acreditam piamente que certas lembranças devem ser expurgadas para que as pessoas consigam seguir em frente. No fim, porém, papai escolhe tufos de pena.

Em menos de um ano, o enchimento do meu travesseiro já assumiu um tom violeta — um violeta leitoso, cor estranha para se encontrar no travesseiro de uma criança. Significa que as memórias estão me fazendo sangrar de um jeito esperado apenas de pessoas mais velhas. Significa que o travesseiro precisa ser afogado; caso contrário, pode acabar botando fogo no meu quarto.

Estou com sete anos, e todos os dias a cabeça remanescente do papagaio grita que *the show must go on*. Ele era da minha mãe, que adorava um cara de bigode com peito peludo e canto maravilhosamente escandaloso. O pássaro sente saudades dela, pelo jeito tanto quanto a gente.

Um travesseiro com enchimento de pipoca e algodão-doce. Ideal para crianças cuja infância está em risco.

Rituais de afogamento tendem a ser absurdamente dolorosos e não são a especialidade de papai, o que o faz se arrepender de não ter aprendido mais com minha

mãe enquanto ainda havia tempo — ela era conhecida por sua forma única de afogar memórias.

Ele me olha de soslaio antes de enfiar o travesseiro desmilinguido numa bacia de vidro. Resmunga o tempo todo sobre o fardo de não ter mais minha mãe com a gente.

Viro a cara para não ver papai chorar quando a água em ebulição queima seu braço. Aos gritos, ele ordena que eu olhe. É quando a bacia estala, racha e enfim explode. Um momento dolorosamente longo, um momento de cacos de vidro e água fervente no qual papai tenta usar o corpo para me proteger de tudo.

Estou com dez anos, mastigando um punhado de pipoca enquanto o corte feio na minha bochecha sangra.

Um travesseiro com enchimento de carta de despedida e páginas de um livro estimado. Ideal para quem está prestes a perder um ente querido.

Enchedores sempre abrem mão de uma parte de si quando um travesseiro novo em folha nasce. Essas partes podem variar em tamanho e forma, dependendo de quão árduo é o processo de enchimento, e principalmente do vínculo entre o enchedor e a pessoa para quem o travesseiro será dado de presente. É por isso que eles raramente encham travesseiros para pessoas queridas: costuma ser caro demais, custando mais do que alguns fios de cabelo, que é o preço justo que os enchedores geralmente estão dispostos a pagar.

A imagem do papai agora não passa de um quebra-cabeça. Há muitas partes faltando — as duas pernas, um braço. Não há dentes para morder ou rasgar, unhas para fincar ou arranhar; já se foram há muito tempo. Mas as partes físicas não são nada se comparadas às partes de quem ele era.

Sinais de satisfação; venho entalhando-os na minha expressão na tentativa de mostrar a papai que seu sofrimento não foi em vão, mas todos os meus esforços parecem infantis quando o semblante enrugado dele espelha meu fracasso.

Estou com quinze anos, e a cicatriz no meu rosto arde quando é repuxada por um esgar.

Um travesseiro com enchimento de fotos constrangedoras de família e agulhas feitas dos ossos de entes queridos que já se foram. Ideal para aqueles que preferem se arriscar a morrer em vez de esquecer.

Pouso a cabeça no primeiro e único travesseiro que enchi na vida, aceitando pagar o preço alto de fazê-lo para mim mesmo. Um desconfortável céu preto como breu acolhe minha cabeça quando agulhas perfuram meu couro cabeludo. Um papagaio decapitado clama por silêncio com sua voz de barítono no que parece uma tentativa de implorar por misericórdia.

Esquecer não é opção. Dói, e anseio por me lembrar, desejando minhas memórias mais do que tudo para manter minha mãe e papai vivos. Se eu ficar aqui na cama, será que eles vão deitar comigo e me lembrar de viver uma vida feita do que poderia ter sido?

Fecho os olhos. Estou com dezoito anos, e teria enchido meu passado com memórias felizes, se pudesse. Teria juntado os pedaços de papai e construído uma realidade em que minha mãe nunca partiu. Eu teria vivido uma vida que não foi feita para ser minha.

Uma vida com enchimento de alternativas e de tudo que poderia ter sido.

FIM

Saiba mais sobre os autores



Arthur S. Brum

Arthur S. Brum é carioca e biólogo (paleontólogo) formado pelo Museu Nacional – UFRJ. É admirador e apreciador de ficção científica, encontrando nas horas vagas de cientista uma fenda temporal para escrever. Sob o pseudônimo Xico Sete, publicou os contos “Terreiro Digital” (Revista Tricerata, 2021), “Maranki” (Antologia Amazônia Assombrosa, 2022) e “Algoritmo” (PULPA, 2023). Como Arthur, publicou “Adansonía” (Antologia Cientificação, 2024) e “Padê” (Revista Histórias Extraordinárias, 2024). Mais em linktr.ee/7BrumAS.



Erica Nara Bombardi

Escritora e editora de texto freelancer. Seus livros são *Canto do uirapuru*, *As chaves do invisível*, *Entre a raiz e a flor*, *Na companhia da poesia* e *Além do deserto*. Mais em linktr.ee/ericanarabombardi.



Bia Chaves

Bia Chaves é paraense, professora, escritora, apaixonada por cachorros e viciada assumida em café, não necessariamente nessa ordem. É fissurada em escrever mundos fantásticos, e possui algumas publicações na conta, entre elas os livros *Enfeitiçados* (Elixir, 2022), *O último apito do trem* (Urutau, 2023) e *Poesia no céu de Galileu* (Folheando, 2024). Espera jamais abandonar a fantasia, e torce para continuar espalhando seus mundos vida afora. Mais em linktr.ee/BeatrizChavesM e instagram.com/chavesdebia.



Renan Bernardo

Renan Bernardo é escritor de ficção científica e fantasia do Rio de Janeiro. Foi finalista dos prêmios Nebula e Ignyte no exterior, além de possuir histórias recomendadas pela Locus Magazine e listadas para o British Science Fiction Awards. No Brasil, foi finalista dos prêmios Argos e Odisseia. Suas histórias já apareceram em revistas como Reactor/Tor.com, Clarkesworld, Apex Magazine e diversas outras. Sua coletânea de contos solarpunk, *Different Kinds of Defiance*, foi lançada nos Estados Unidos em 2024. Sua novela de ficção científica, *Disgraced Return of the Kap's Needle*, foi lançada em

2025. Além do português e inglês, tem histórias publicadas em italiano, alemão, japonês e chinês. Mais em renanbernardo.com, bsky.app/profile/renanbernardo.com e instagram.com/renanbernardo02.



Naomi Kritzer

Naomi Kritzer é uma autora de ficção científica e fantasia nativa de St. Paul, Minnesota. Ela já ganhou prêmios Hugo, Edgar e Minnesota Book. Tem um esposo, dois filhos crescidos e três gatos (o número de gatos está susceptível a mudar sem aviso prévio). Mais em naomikritzer.com e bsky.app/profile/naomikritzer.bsky.social.



Jana Bianchi

Jana Bianchi é escritora, editora e tradutora. Tem histórias publicadas em português e em inglês em revistas e antologias como Suprassuma, Uncanny, Clarkesworld e Imagine 2200, entre outras. É vencedora do prêmio BSFA de melhor conto traduzido de 2023. Com Diogo Ramos, criou e atua no projeto Fantástico Guia, compilado de iniciativas com o objetivo de fomentar uma comunidade criativa e facilitar a navegação pelos mercados editoriais brasileiro e anglófono. Jana vive no Rio de Janeiro com um humano, uma fiapo de manga e várias tatuagens animadas. Mais em janabianchi.com.br e fantasticoguia.com.br.

Diogo Ramos

Nascido e criado no Rio de Janeiro, Diogo Ramos enfim aprendeu o que deve ser levado a sério e a rir do resto. Junto com Jana Bianchi, ele toca o Fantástico Guia, iniciativa que apoia escritores brasileiros que estão escrevendo e enviando histórias tanto em português quanto em inglês. Mais em fantasticoguia.com.br/diogoramos.